

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CAMPUS FREDERICO WESTPHALEN
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO
JORNALISMO: BACHARELADO

CAMILA WERBES WESNER

**TRATAMENTO DA MEMÓRIA DAS FONTES TESTEMUNHAIS EM
LIVROS-REPORTAGEM: ANÁLISE DA OBRA *HOLOCAUSTO
BRASILEIRO***

Frederico Westphalen, RS
2020

CAMILA WERBES WESNER

**TRATAMENTO DA MEMÓRIA DAS FONTES TESTEMUNHAIS EM
LIVROS-REPORTAGEM: ANÁLISE DA OBRA *HOLOCAUSTO
BRASILEIRO***

Trabalho de Conclusão de Curso II
apresentado ao Curso de Jornalismo:
Bacharelado, do Departamento de Ciências
da Comunicação da Universidade Federal
de Santa Maria, Campus Frederico
Westphalen.

Orientador: Prof. Dr. Reges Schwaab

Frederico Westphalen, RS
2020



Ministério da Educação
Universidade Federal de Santa Maria
Campus Frederico Westphalen
Departamento de Ciências da Comunicação

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Às 13h30 do dia 24 de junho de 2020, a acadêmica CAMILA WERBES WESNER, do Curso de JORNALISMO - Bacharelado, do Departamento de Ciências da Comunicação, da Universidade Federal de Santa Maria, Campus Frederico Westphalen, apresentou à Banca Examinadora o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “TRATAMENTO DA MEMÓRIA DAS FONTES TESTEMUNHAIS EM LIVROS-REPORTAGEM: ANÁLISE DA OBRA HOLOCAUSTO BRASILEIRO”, sob orientação do (a) Prof. REGES TONI SCHWAAB e avaliação da Prof. LARA NASI e da Prof. ANDREA WEBER. A banca definiu que a monografia apresentada obteve média 10.0 e está APROVADA, mediante entrega de versão final com as alterações a seguir descritas:

Banca Examinadora	Nota	Assinatura
Prof. Dr. Reges Toni Schwaab	10.0	
Profa. Dra. Lara Nasi	10.0	
Profa. Dra. Andrea Weber	10.0	

Acadêmica - Camila Werbes Wesner

UFSM Campus Frederico Westphalen

Fone: (55) 3744-0600 - Fax: (55) 3744 0619

Endereço: Linha 7 de Setembro, s/n, Caixa Postal 54, CEP: 98.400-000 - Frederico Westphalen-RS

Endereço eletrônico: <http://www.ufsm.br/frederico> - E-mail: ufsmfw@ufsm.br

“Mas as coisas findas, muito mais que lindas, essas ficarão.”

– “Memória”, de Carlos Drummond de Andrade.

RESUMO

O presente trabalho busca entender o tratamento dado ao testemunho e às memórias das fontes testemunhais e refletir sobre a construção do livro-reportagem *Holocausto Brasileiro*, de Daniela Arbex considerando o intervalo temporal entre os fatos e os relatos apresentados pela jornalista. Sabendo da importância do livro-reportagem, com o auxílio das reflexões de Lima (2009), e do aporte de informações obtidos das fontes para a composição de uma notícia e neste caso, do livro-reportagem, segundo os estudos de Erbolato (1991), Lage (2009) e Amaral (2015), o trabalho objetiva analisar a inserção das fontes e compreender os diferentes métodos utilizados pela jornalista para trabalhar com as memórias das testemunhas na obra. Para isso, o estudo lança mão do método de análise de conteúdo, tendo como principal base os conceitos de Bardin (1977). Primeiramente obtêm-se dados quantitativos para, em seguida, classificá-los e analisá-los qualitativamente, de acordo com categorias denominadas *a priori*. O estudo traz como conclusão uma apreciação da vasta contribuição das memórias das fontes testemunhais e do sentido de veracidade que os pequenos detalhes de uma tragédia podem proporcionar ao leitor, detalhes caracterizados por meio de fotografias, documentos e falas que dão maior embasamento para a abordagem jornalística de elementos do passado.

Palavras-chave: Livros-reportagem. Fontes. Testemunhas. Análise de Conteúdo. *Holocausto Brasileiro*.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	4
2 COMPREENSÕES ACERCA DO LIVRO-REPORTAGEM.....	8
2.1. NOVAS PERSPECTIVAS NO JORNALISMO.....	9
2.2. O INTERVALO TEMPORAL NOS LIVROS-REPORTAGEM.....	12
2.3. O ACONTECIMENTO COMO CONSTITUINTE DA MEMÓRIA.....	13
2.3.1. MEMÓRIAS COMO APOIO EM APURAÇÕES JORNALÍSTICAS.....	14
3. FONTES COMO SUBSÍDIO PRINCIPAL DE APURAÇÃO	17
3.1. OS FIOS-CONDUTORES DAS MEMÓRIAS.....	20
4. HOLOCAUSTO BRASILEIRO	23
5. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	27
5.1. FASES DA ANÁLISE DE CONTEÚDO	29
5.2. A VERIFICAÇÃO DAS FONTES POR MEIO DA ANÁLISE DE CONTEÚDO	30
6. O PROCESSO DE ANÁLISE DE HOLOCAUSTO BRASILEIRO	32
6.1. AS FONTES DA NARRATIVA.....	33
6.2. MEMÓRIAS QUE SOBRE(VIVEM).....	38
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	48
REFERÊNCIAS	52

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Levantamento de fontes no livro-reportagem <i>Holocausto Brasileiro</i>	33
--	----

LISTA DE ABREVIATURAS

AC – Análise de Conteúdo

CHPB – Centro Hospitalar Psiquiátrico de Barbacena

1. INTRODUÇÃO

Os primeiros semestres da graduação são essenciais para definir anseios e dúvidas sobre a profissão. No meu caso, quando ingressei no curso de Jornalismo, em 2017, pude descobrir novos interesses, pois me deparei com o mundo dos livros-reportagem. Hoje, essa categoria de textos define meu trabalho de conclusão de curso. Na época, o livro estudado foi justamente *Holocausto Brasileiro*, de Daniela Arbex, central neste trabalho de agora. Uma narrativa instigante que, com o apoio de fotos impactantes, desde o início me causaram certa perplexidade por não compreender o desconhecimento de muitos brasileiros acerca do ocorrido. Sendo este trabalho o marco para o fim de minha graduação, abordar as reflexões despertadas no início de minha trajetória acadêmica é algo bem-vindo.

Enxergar a escrita jornalística juntamente com aspectos literários abriu meus olhos para novas possibilidades, como o interesse em tramas reais, mas contadas com riqueza de detalhes e formas, valorizadas pelo modo como essas obras são apuradas e escritas. Desde então, a categoria do livro-reportagem foi, aos poucos, se mostrando cada vez mais presente em meu cotidiano. Atividades trabalhadas pela grade curricular, e também extraclasse, fizeram com que hoje as reflexões sejam compartilhadas no presente estudo, me fazendo pensar no poder da memória dos fatos e, principalmente, como as fontes são incluídas e a importância delas para a construção da narrativa em um livro-reportagem.

Como *corpus* deste estudo abordo o livro-reportagem *Holocausto Brasileiro*, de Daniela Arbex, o qual retrata a história do Centro Hospitalar Psiquiátrico de Barbacena (CHPB), localizado em Barbacena-MG, que iniciou as atividades em 1903. As pessoas eram hospitalizadas por serem diagnosticadas como tristes, epiléticas, alcoólatras, ou até mesmo, crianças rejeitadas pelos pais e mulheres abusadas pelos patrões. No período de maior lotação, entre 1930 e 1980, o Hospital Colônia ou o Colônia, como também era chamado, vitimou mais de 60 mil pessoas. As atrocidades ocorreram por décadas, sendo considerado aos olhos do governo um benefício pela retirada da “escória” da sociedade, além de bem visto por faculdades de medicina, que puderam adquirir corpos das pessoas mortas para estudos acadêmicos. Mais de 70% dos internos eram considerados “normais”, pois não apresentavam doenças psicológicas. Porém, devido à frequência e intensidade dos tratamentos a que eram submetidos, na maioria das vezes métodos desumanos, muitos dos internos adquiriram traumas psicológicos e físicos permanentes.

O primeiro contato da jornalista Daniela Arbex com a instituição foi por meio de fotos registradas pelo jornalista Luiz Alfredo, que percorreu a loucura do Hospital Colônia, em 1979. Arbex narra suas primeiras impressões na obra:

As imagens foram impressas no livro *Colônia*, publicado em 2008, pelo Governo de Minas, na gestão do secretário de saúde Marcus Pestana. Um ano depois, durante uma entrevista que fiz com o psiquiatra José Laerte, à época vereador de Juiz de Fora (MG), ele tirou o livro da gaveta. [...] Bastou o contato com aquelas imagens para que a senha da indignação fosse acionada. Saí de lá com a certeza de que precisava ver de perto o que havia restado do pior capítulo da história da psiquiatria mineira. (ARBEX, 2019, p. 198).

O momento da descoberta coincidiu com a proximidade dos 50 anos da reportagem publicada no jornal *O Cruzeiro*, sobre o Hospital Colônia e tendo a data como um subsídio para um retorno à história, Arbex produziu uma série de reportagens para o jornal *Tribuna de Minas*, em que atuava na época. Não julgando suficiente, continuou as investigações e o livro-reportagem chegou às livrarias pela primeira vez em 2013, pela editora Geração Editorial. Em 2019, *Holocausto Brasileiro* tem uma nova edição publicada, e desta vez pela Editora Intrínseca, que é o livro físico com 280 páginas utilizado para a análise desse estudo.

Para a definição do *corpus* do trabalho foram elencados alguns pontos primordiais: a) elaboração do livro iniciada após uma cobertura; b) obra realizada por iniciativa da jornalista; c) diferença temporal entre o fato e a obra; d) importância da memória das fontes para a narrativa; e) profissional que segue atuando com livros-reportagem.

As diretrizes que permeiam as reflexões iniciam pelo interesse nas fontes, a identificação da incidência e dos tipos acionados, observando como são inseridas ao longo do texto, assim como, os usos e denominações dadas à elas, pela jornalista. O problema de pesquisa gira em torno da seguinte interrogação: como é realizada a construção do livro-reportagem sobre os acontecimentos passados, ao considerar um intervalo temporal entre os fatos e o relato da jornalista, e além disso, qual o tratamento das fontes, principalmente as fontes testemunhais, na narrativa desse livro? A escolha da abordagem das fontes se configura por serem o principal escopo, uma vez que é com elas e sobre elas, que a jornalista articula a história do desastre relatado. As vítimas narram os diferentes olhares sobre o fato, proporcionado a jornalista a interpretação do relato por meio de uma escuta atenta e da observação de gestos e expressões, que direcionam o desenvolvimento da pauta.

Ao ponderar esses elementos o trabalho tem como objetivos específicos os seguintes pontos:

- a) Analisar a inserção das fontes presentes na obra;
- b) Compreender os diferentes tratamentos dados à memória das fontes e como isso interfere na narrativa do livro, considerando o intervalo temporal entre o fato e o relato;
- c) Contribuir para a reflexão sobre a memória das fontes na composição da narrativa do livro-reportagem.

Após constatar a frequência com que as fontes são inseridas na narrativa, é realizada uma leitura flutuante, com classificações e suposições (BARDIN, 1977), que por meio dos relatos permite analisar se a distância temporal é realmente um fator determinante na sondagem das informações obtidas durante as entrevistas.

Ao publicar *Holocausto Brasileiro* e os comoventes relatos dos sobreviventes, Arbex retoma os debates acerca do sistema de saúde público brasileiro e ao ganhar notoriedade, levanta questões acerca do estudo das fontes testemunhais. Desta forma, é notável a diversidade e a qualidade de diversos estudos comunicacionais, que se seguiram devido a abordagem realizada pela jornalista. Justifica-se também devido as publicações que se sucederam ao livro *Holocausto Brasileiro*, como o *Cova 312* e *Todo dia a mesma noite*, elencando o nome da jornalista Daniela Arbex como um dos favoritos em livros-reportagem.

O estudo da obra permeia publicações de jornalistas brasileiros, uma vez que o estado da arte foi possível com pesquisas encontradas no site do Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor), além de teses de doutorado que proporcionaram uma maior reflexão acerca da trajetória de Daniela Arbex, e entrevistas on-line concedidas por ela a diversos meios de comunicação.

O alicerce principal acerca dos saberes do livro-reportagem se estrutura nos ensaios de Lima (2009), como verificado em muitas leituras realizadas para a conclusão deste estudo, além dos vastos estudos de Márcia Franz Amaral sobre fontes, principalmente, as discussões abordadas pelo foco principal do estudo, as fontes testemunhais.

A disseminação de livros-reportagem pode despertar o interesse de novos pesquisadores por esta área da comunicação e do jornalismo, pois proporciona uma leitura diferenciada e exercita o senso crítico dos adeptos da categoria. Segundo Lima (2009, p.

26), “o livro-reportagem é o veículo de comunicação impressa não-periódico que apresenta reportagens em grau de amplitude superior ao tratamento costumeiro nos meios de comunicação jornalística periódicos”. Isso se deve a diferença de espaço textual, a maior utilização de fontes e os aportes literários que se agrupam a esse tipo de narrativa. Assim, os autores dos livros-reportagem ganham cada vez mais espaço nas prateleiras das livrarias e disseminam a informação ainda mais apurada. Em tempos de desinformação ou negação a esse privilégio, apurações precisas engrandecem o saber e a capacidade de formação de opinião com grandes investigações sobre assuntos de relevância social. Desta maneira, para além do que é registrado na obra, é necessário nos indagarmos sobre questionamentos relevantes e observarmos o todo, fora do eixo central, ou como afirma Bardin (1977, p. 28), é necessário dizer “não à leitura simples do real [...] forjar conceitos operatórios, aceitar o caráter provisório de hipóteses, definir planos experimentais ou de investigação”.

Tendo em vista esta afirmação, o estudo se debruça sobre a análise de conteúdo e observa, principalmente, os relatos das vítimas que deixaram os muros de concreto do Colônia. A partir da identificação na obra e posterior classificação das fontes, foi realizada uma análise quantitativa, para ponderar os dados obtidos e seguir com a análise qualitativa. Para esta, considera-se todos os estudos que serão apresentados no decorrer dos próximos capítulos para que fosse efetuada a análise de forma satisfatória, por conseguinte expõe-se as fontes e o modo de inserção que foi utilizado pela jornalista, e por fim, uma análise minuciosa do tratamento dado a memória das fontes testemunhais, principal escopo do trabalho, seguido das fontes documentais, que apresentaram a segunda maior inserção identificada. Para estas, ressalta-se a análise das fotografias contidas no corpo da obra, e não, aquelas que compõem o livro de forma estética.

O presente trabalho demonstra inicialmente as compreensões acerca do livro-reportagem, desde as novas perspectivas no jornalismo, ao intervalo temporal, o acontecimento como constituinte da memória e, como estas dão apoio as apurações jornalísticas. Em seguida reflete sobre o papel das fontes na apuração e como elas são capazes de conduzir as memórias, para que logo após, aborde sobre o livro-reportagem *Holocausto Brasileiro*, em que é demonstrado um panorama geral da obra e da autora. O capítulo cinco elenca as fases da análise de conteúdo e a verificação das fontes por meio desta técnica, para prosseguir com as explicações do processo de análise aplicado no *corpus* do estudo. O capítulo seis refere-se a todo o processo e análises colhidas explanando primeiramente sobre as fontes gerais da narrativa e, em seguida, sobre as memórias das fontes testemunhais, para ao final trazer as considerações finais e as averiguações obtidas.

2 COMPREENSÕES ACERCA DO LIVRO-REPORTAGEM

Dentro e fora das redações encontramos jornalistas ávidos por uma história que ultrapassa o *lead*. São profissionais que ao se desafiarem em uma nova proposta, indagam sobre acontecimentos e temáticas e redigem textos que não se limitam ao espaço do jornal. A curiosidade de muitos jornalistas assim como, o talento e a capacidade narrativa em apresentar fatos de relevância social, despertam a investigação e a escrita mais abrangentes. Repórteres passaram a conciliar o trabalho em um meio jornalístico tradicional com a escrita de livros nas horas vagas, para que possam dar atenção a pautas que exijam uma apuração aprofundada, e dar ênfase à pesquisa bibliográfica e às entrevistas.

Como afirma Kotscho (2007, p. 12) “com ou sem pauta, lugar de repórter é na rua. É lá que as coisas acontecem, a vida se transforma em notícia”. E é esse ímpeto que faz com que os jornalistas passem a projetar as páginas de um livro. As folhas em branco e a liberdade de escrita trouxeram a partir da ideia do jornalismo literário obras que consagraram e revelaram autores que até hoje, contribuem para a versatilidade do jornalismo literário trazendo ao conhecimento de acadêmicos e estudiosos da área, um novo jeito de comunicar ou como o termo sugere, um Novo Jornalismo, que por meio de “autores contemporâneos estariam dando formas atuais ao questionamento e embate de fronteiras entre o jornalismo e a literatura” (FERREIRA JÚNIOR, 2003, p. 204).

A narrativa detalhada e instigante promove no leitor a imaginação do acontecimento descrito, sem deixar de lado a veracidade da situação. Além disso, fatos que impactaram a sociedade, há alguns anos ou recentemente, são outro ponto que influenciam na escrita de livros-reportagem, como observado na obra deste estudo. Apesar de escrito por uma jornalista que participou inicialmente da apuração pelo meio de comunicação onde trabalhava, a obra se diferencia pela questão temporal, uma vez que relata um fato que teve seu ápice ainda no século passado, mas ao ser escancarado trouxe à tona diversas indagações do sistema de saúde, que ainda são atuais.

A iniciativa da profissional em continuar com a abordagem até a publicação do livro revela a importância desta categoria de produção jornalística, tanto para a própria área, como, e principalmente, para a população. São essas evoluções que marcam novos caminhos percorridos pelo jornalismo e como isso impacta na forma de comunicar, pois, nem sempre a cobertura enquanto o fato ainda é atual, é suficiente para a busca de

informações e respostas.

2.1. Novas perspectivas no jornalismo

A liberdade da escrita não exige os jornalistas do respeito à verdade, dos acontecimentos e da ética tão prezada na profissão. Por meio de obras de não-ficção, autores marcaram o Novo Jornalismo, formato que iniciou em 1960. Segundo Lima (2009), esse período evidenciou uma nova postura ao romper a dicotomia entre as identidades de jornalistas e de escritores, gerando novos cenários culturais. As reportagens publicadas inicialmente em séries nos jornais, passaram a ter detalhes minuciosos, investigações mais abrangentes e uma vasta discussão proposta por seus redatores. Aos poucos as narrativas conquistaram leitores assíduos e as séries saíram das páginas dos periódicos, para se tornarem grandes obras já há algum tempo denominadas de livros-reportagem.

Essa nova categoria de escritores dentro do jornalismo inquietou muitos literatos. Na metade do Século 20, “formulou-se, então, uma espécie de arcabouço geral para orientar a escrita do texto noticioso, marcada pela precisão e homogeneização da linguagem, com a expulsão de qualquer componente considerado acessório ou decorativo”, afirma Bulhões (2007, p. 16). Apesar disso, o livro-reportagem se utiliza de recursos literários para aprofundar a escrita, uma vez que compreende uma narrativa diferente da forma de comunicar as notícias factuais, pois segundo Lima (2009, p. 352): “ao longo do seu desenvolvimento importou técnicas narrativas da literatura de ficção, adaptando-as para histórias da vida real”.

Ter a liberdade de usar a comunicação de diferentes formas, e um conjunto com diferentes técnicas, possibilita ao profissional o poder de informar os leitores por meio de uma linguagem mais rebuscada, elaborada e complexa. Apesar disso, as técnicas literárias também utilizadas nos livros-reportagem, não representam a realidade de acordo com Bulhões (2007), mas interpretam e recriam

na operação de desviar a linguagem de sua função habitual. Essa é uma distinção fundamental entre o texto literário e textos de outro caráter, científico, teórico, filosófico. E, claro, jornalístico. Aliás, na dinâmica da atividade jornalística, no fenômeno de transfusão comunicacional, substituir, reescrever e retransmitir são práticas corriqueiras e necessárias. Não há texto intocável em jornalismo, pois não existe a noção de que ele seja insubstituível. (BULHÕES, 2007, p. 14-15).

Rocha e Xavier (2013) consideram livro-reportagem toda obra que aborda

acontecimentos ou fenômenos reais, que se utilizam de métodos jornalísticos, mas também incluem particularidades da literatura. Assim, jornalistas lapidaram um novo modo de contar histórias reais, através de uma forma mais rebuscada e menos técnica. Para Medina (2003) esse método vai ao encontro das vivências cotidianas, nas quais é possível colher os afetos e as simpatias da compreensão, ao invés da metodologia explicativa. Isso não ofusca a visão do real, mas caracteriza uma linguagem própria dando maior liberdade na forma narrativa, ao passo que se desprende da tradicional pirâmide invertida, tão defendida nas redações jornalísticas.

Erbolato (1991) demonstra três sistemas utilizados na apresentação da redação jornalística, sendo: a) pirâmide invertida; b) forma literária (ou pirâmide normal) e c) sistema misto. Para isso, ele define:

Na *pirâmide invertida* a sequência é esta: a) entrada ou fatos culminantes; b) fatos importantes ligados à entrada; c) pormenores interessantes; d) detalhes dispensáveis. Na *forma literária* (ou *pirâmide normal*) monta-se este esquema: a) detalhes da introdução; b) fatos de crescente importância (visando criar suspense); c) fatos culminantes; d) desenlace. No *sistema misto*: a) fatos culminantes (entrada); b) narração em ordem cronológica. (ERBOLATO, 1991, p. 66).

A pirâmide invertida, primeiro sistema citado, reflete o principal modo utilizado nas redações, que por meio de um resumo chamado no jornalismo de *lead*, aborda os fatos elementares ainda no primeiro parágrafo. Já a pirâmide normal e o sistema misto, são identificados em livros-reportagem, neles o foco principal não é apresentado de imediato, pois elabora uma narrativa rica em detalhes e percepções que exibem o desenrolar de um acontecimento.

Os critérios de noticiabilidade são considerados técnicas básicas no jornalismo e são capazes de definir quais notícias devem ser publicadas. Dos 24 critérios apontados por Erbolato (1991), existem três que são característicos na obra analisada, sendo eles: impacto, interesse humano e importância. Além de uma regressão ao passado e as memórias das vítimas, o Hospital Colônia de Barbacena, como também podemos nos referir ao CHPB, torna-se pauta novamente nos 50 anos da reportagem divulgada pelo *O Cruzeiro*. Apesar do principal período de lotação ter sido na década de 80, a apuração aborda fatores que desencadeiam debates sobre o sistema de saúde atual, e ao reviver os relatos das atrocidades praticadas, revela às novas gerações um evento até então desconhecido por muitos.

Os traços jornalísticos presentes nesse tipo de literatura potencializaram o livro-

reportagem, elevando-o à uma escrita que sai dos meros detalhes para a ação do acontecimento, e por fim, o fechamento impactante que arremata a história em um livro verídico. Diferente da notícia padronizada, Kotscho (2007, p. 8) afirma que

não basta, porém, saber - ou pensar que sabe - escrever. Ser repórter é bem mais do que simplesmente cultivar belas-letas, se o profissional entender que sua tarefa não se limita a produzir notícias segundo alguma fórmula “científica”, mas é a arte de informar para transformar. Por um motivo muito simples: o Jornalismo não é uma ciência exata. As técnicas, qualquer um aprende em pouco tempo. Mas, antes de começar a escrever, o repórter tem que definir bem definido porque escolheu essa profissão, o que quer dela.

Ao percorrer as reflexões do autor, nota-se os mesmos traços da definição para a notícia inseridos também na literatura, isso porque, ambos não referem-se a um método que é aplicado seguindo regras pré-definidas, pois se faz necessária a construção e reflexão de uma pauta, para que em seguida, possa ser colocada em ação. Em primazia à factualidade e a garantia do real, Kotscho (2007, p. 8) defende a reportagem como uma rica possibilidade da escrita que mantém a veracidade, “dependendo da cabeça e do coração de quem escreve, desde que essa pessoa seja honesta, tenha caráter, princípios”.

Dizer que “o jornalismo possui uma natureza presunçosa” é provocação de Bulhões (2007, p. 11), pois é por meio do jornalismo que a realidade pode ser transformada em algo palpável, capaz de captar e transmitir o que foi observado diferente dos demais, como digno de credibilidade. O autor revela as semelhanças com a História e pontua características convergentes, que reafirmam o conteúdo apresentado até este ponto.

Todo e qualquer jornalista pode ser julgado pela estrutura de uma notícia se lhe desconfiarem da verdade da mesma, ressalta Bulhões (2007). “O jornalista é uma espécie de historiador da vida contemporânea” (BULHÕES, 2007, p. 11), o que não o limita a incluir sua perspectiva ao vislumbrar uma sequência, desde que esta seja coerente com a ocorrência narrada e oferecida para a população consumir a informação. Assim, Bulhões (2007) aborda sobre a linguagem na literatura, uma vez que essa é o centro das atenções. Segundo ele, a recriação e destituição da narrativa não omitem a existência do cotidiano, mas altera e confere a forma de comunicar.

As características que revelam o encontro do meio literário com o meio jornalístico reafirmam a junção das duas categorias, hoje, chamadas de livro-reportagem. A prática do jornalismo está desconstruindo barreiras e recriando novas formas de narrar os acontecimentos, o que convida os cidadãos a uma leitura crítica e possibilita acessar interpretações mais amplas dos fatos. A comunicação é um elo que segundo Medina (2003)

constrói redes de significação ao pesquisar, sensibilizar e praticar as dialogias. O papel do jornalista como participante ativo da cena reflete à sociedade uma parte de significados, entrepostos na sequência de acontecimentos. A narrativa é apenas uma reconstituição da perspectiva por parte do profissional presente. Tais cenas podem ser representadas por meio da reconstrução de tramas, com o apoio de fontes e acervos bibliográficos, ou ainda, diante do fato em ocorrência.

Os livros-reportagem são uma forma privilegiada, entre outras, para que as/os jornalistas alcancem a mudança no mundo, algo que já virou clichê ao pensar os motivos da formação em jornalismo, mas que não invalida a essência desse desejo. O faro jornalístico é intrínseco à investigação, assim como o compromisso com a verdade e com a sociedade, e são nas páginas que diversas histórias de relevância social tanto pela atualidade, como pelo fato histórico que abarca a sociedade, são registradas. Os livros auxiliam na construção do pensamento crítico dos cidadãos e o profissional da comunicação possibilita essa absorção de conteúdos por meio de suas apurações.

2.2. O intervalo temporal nos livros-reportagem

Alguns jornalistas encontraram fora das notas dos jornais diários e semanais uma nova forma de consagração. As apurações indicam muito mais que linhas limitadas e cortes ocasionados pelo pouco espaço nas páginas. Barreiras ideológicas nos meios de comunicação são outro ponto que justificam muitas investigações que se voltam para os livros-reportagem, mesmo que já publicadas em jornal. Longe dos obstáculos das redações o jornalista se depara somente com a problemática de páginas em branco e pautas que fervilham em sua cabeça, prontas para serem apuradas e escritas.

Segundo Rocha e Xavier (2013) o acontecimento e a atualidade são aspectos que identificam facilmente um livro-reportagem, o que se soma com os critérios de noticiabilidade citados anteriormente. O fato em si é o que denota maior atenção no momento da escolha da pauta, seguido das memórias das fontes abordadas no decorrer desse trabalho. A atualidade fará parte de uma segunda análise ao tratar da ação social que a distância temporal exerce, uma vez que Arbex retrata atrocidades ocorridas principalmente no Século 20 e a influência que tal questão pode ter sobre as fontes. Para Lima (2009, p. 30-31), “o tempo não é o núcleo desencadeador”, o que possibilita uma retomada “obrigando a prática jornalística dos veículos impressos não-diários a entrar cada

vez mais no terreno da opinião, da interpretação, do aprofundamento dos fatos”.

Diferente das notícias quentes o livro-reportagem pode ser a narrativa de um fato recente ou não, desde que relevante à sociedade. Ao possuir maior liberdade para detalhar as cenas, os gestos e as expressões das fontes o jornalista possui um leque de oportunidades para desenvolver o acontecimento. Sobre a notícia curta, Medina (2003) fala, que

perdem-se ou se atrofiam as grandes narrativas e se valorizam os projetos técnico-formais como, por exemplo, os recursos de computação gráfica, a fórmula da notícia curta, descadernada, os gráficos da quantificação sobre os comportamentos humanos. Histórias de vida que dão sentido aos contextos sociais ficam à deriva perante a pirotecnia visual e gráfica. (MEDINA, 2003, p. 32).

Da década de 1960 até hoje, o jornalismo literário cresce e novos profissionais se lançam a esse desafio, produzindo reportagens de fôlego que em algum momento haviam sido uma pequena notícia, dando à elas novas perspectivas e um toque especial de autoria. A informação de um fato relevante em uma obra é um exercício realizado por poucos profissionais, são denúncias de tragédias sociais e histórias marcantes que por meio de seus personagens instigam a imaginação do leitor. Em um período no qual a leitura de títulos e breves interpretações são a causa de muitos desencontros da narrativa, esmiuçar um acontecimento apresentando todos os pontos possíveis, reflete em uma maior compreensão e esclarecimento.

A importância da situação, e não o imediatismo, definirá alguns temas. Segundo Lima (2009, p. 226) a “realidade não se prende ao fato do dia-a-dia, propõe sair da ocorrência para a permanência”. Desta forma, um episódio ocorrido no passado com a apuração bibliográfica e a obtenção de fontes testemunhais ou interpretativas auxiliam para a composição das obras, como no caso do livro em análise. O tratamento dado às informações obtidas nas entrevistas com as fontes dá amparo a uma narrativa elucidada pela jornalista, em especial ao demonstrar a veracidade por meio das testemunhas da ação.

2.3. O acontecimento como constituinte da memória

Relembrar e reviver os momentos de tortura, esquecimento e desumanidade. O que antes era medo de repressão se torna necessidade quando há um ouvinte atento, por mais dolorosos que sejam os relatos. Atualmente, não estamos mais inseridos em uma cultura plenamente oratória, relatar através de uma voz ativa e em grupos, não é mais comum

(GAGNEBIN, 2006).

As experiências traumáticas proporcionam às vítimas a lembrança vívida dos acontecimentos. Os estudos de Gagnebin (2006) abordam sobre a memória dos sobreviventes da Segunda Guerra Mundial e o trabalho desenvolvido com a consciência de quem viveu anos de horror. Segundo a autora, em casos de muita pressão a memória permanece por mais que a pessoa queira esquecê-la, muitos insistem em “dizer o indizível, numa tentativa de elaboração simbólica do trauma que lhes permitisse continuar a viver” (GAGNEBIN, 2006, p. 99). Ao comparar essas definições com as vítimas de *Holocausto Brasileiro* notamos certas semelhanças pelas histórias contadas, ricas em detalhes e lembranças que ainda atormentavam muitas das fontes, apesar da grande distância temporal existente.

Autores como Adorno (1959 apud Gagnebin, 2006, p. 101) defendem o esclarecimento contra o esquecimento, pois, afirma que “de maneira demasiado fácil, se torna sinônimo da justificação do esquecido”. Isso porque, esquecer a história é aceitar a injustiça sofrida e se faz necessária a fala para a compreensão social. Obras como a analisada neste estudo registram e desmascaram através de grandes apurações, a impunidade de governos e instituições com a população brasileira.

2.3.1. Memórias como apoio em apurações jornalísticas

Além de servir como resgate, a memória também proporciona a libertação diante do silêncio ao qual o indivíduo é submetido, após algum evento traumático. A regressão temporal feita pela jornalista demonstra a memória como forma de denúncia, não apenas pela questão de “lembrar por lembrar, numa espécie de culto ao passado” (GAGNEBIN, 2006, p. 103). Segundo as percepções de Palacios (2011) a sociedade atual vive tempos de uma busca constante às memórias, pois “nunca o estoque de memória social esteve tão fácil e rapidamente disponível, bem como o jornalismo tão centralmente localizado em meio a tudo isso”. Esse olhar é percebido no exercício da apuração de uma pauta em que o jornalista está sempre à procura das memórias das fontes para a reconstrução de um fato, que em seguida é transformado em notícia.

A memória “é a capacidade humana de reter fatos e experiências do passado e retransmiti-los às novas gerações” (VON SIMSON, 2000, p. 14), isso está ligado principalmente às pessoas que vivenciam experiências traumáticas em que há o

armazenamento de memórias intrínsecas no inconsciente. A aproximação do interlocutor com o mensageiro é de suma importância para a criação de um laço próximo entre ambos, isso define uma relação mútua daquele que fala para aquele que ouve, auxiliando na demonstração de detalhes e condicionando a uma releitura dos relatos e das emoções passadas, sem deixar de lado o ímpeto profissional.

Incluimos no âmbito da memória um contraponto válido para a reflexão. As histórias contadas em rodas de amigos e que em seguida são repassadas para outras pessoas, facilmente possuem lacunas, pois cada pessoa é passível de diferentes interpretações, o que aos poucos modifica os detalhes. “A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais [e] a memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado”, afirma Sodré (2009, p. 9 apud PALACIOS, 2011, p. 39). Assim vemos, que a memória é uma apropriação mais fiel dos sentimentos das testemunhas e apesar de não ser factual como em livros-reportagem, dão credibilidade à narrativa da autora, com a correta contextualização da memória das fontes. Aqui, ressalta-se o elo entre a literatura e o jornalismo, que originaram o livro-reportagem.

“O jornalismo é memória em ato”, reitera Palacios (2011, p. 40). Sendo o relato a partir das memórias o principal eixo orientador da narrativa, as fontes tornam-se o centro dos acontecimentos, o que evidencia a multiplicidade de vozes por trás da história. E são nos relatos que se nota certa discrepância, pois se apresentam convergentes, conflitantes, contraditórios (PALACIOS, 2011), capazes de criar diferentes caminhos para compor o fato. Porém, por meio dos relatos ouvidos por Arbex nota-se a complementariedade dos testemunhos, o que torna possível preencher as lacunas da história e apresentar diferentes lados do Hospital Colônia, como será visto nos próximos capítulos.

A inconclusão de acontecimentos pertinentes à sociedade reitera a importância do papel do jornalista na apuração dos fatos e contato com as fontes. “Como todo passado, o passado construído pela atividade jornalística nada tem de consensual: trata-se, pelo contrário, de universo de significados disputados conflituosamente (APPADURAI, 1981 apud PALACIOS, 2011, p. 41)”. Essa construção reafirma o papel do jornalismo como um escritor dos fatos, sendo o olhar do mesmo, fadado a mais um número estatístico nas interpretações. Por meio da obra analisada constata-se as diferentes perspectivas que um mesmo acontecimento pode conter, o que é refletido no testemunho das fontes que compõem o todo. Compreendida em uma história a memória torna-se uma verdade histórica, que possui durabilidade até a próxima interpretação (PALACIOS, 2011). Logo, o

objetivo do presente estudo não é analisar a veracidade das memórias das fontes, mas sim, o modo como estão inseridas e como contribuem para o todo da narrativa.

A sensibilidade em continuar com as apurações por iniciativa de Daniela Arbex revela a persistência em escutar o relato da memória das vítimas. “A responsabilidade do jornalista para com o sofrimento humano não reconhece a possibilidade de uma negação ao chamado do outro” (BARRETOS, 2017, p. 4) e a autora, além de exercer a função de repórter na redação, também optou por permanecer com a narrativa tendo em vista a importância dos fatos. O olhar humano diante das mazelas ocorridas deu voz às vítimas e buscou a justiça pelo acontecimento, pois retrata as diferentes realidades e propicia o registro físico das apurações, que já estavam sendo novamente esquecidas com o tempo.

O atual contexto informativo requer a rapidez no acompanhamento das informações, o que faz com que muitas pautas caiam no esquecimento da sociedade voltando a atenção das câmeras a outras ocasiões. Em meio a tantos caminhos que uma notícia pode conter, o jornalista possui a tarefa de intermediar as informações (WOLTON, 1999 apud PALACIOS, 2011) e também, possui o faro em administrar as matérias que consideram sólidas para a criação de reportagens mais extensas, como um livro-reportagem. As memórias se caracterizam como um fator determinante para a convergência da literatura e do jornalismo, e são os principais pilares para a escolha das fontes, além, é claro, do nível de participação e/ou influência sobre o fato documentado.

3. FONTES COMO SUBSÍDIO PRINCIPAL DE APURAÇÃO

A formação jornalística parte do princípio de uma apuração justa em que ambos os lados de uma pauta são ouvidos e retratados, praticando o exercício da escuta e a exclusão de conclusões precipitadas. Para isso, a atividade jornalística recorre às fontes que embasam a narrativa e relatam acontecimentos nas notícias e reportagens. Particularmente, a última categoria detém de uma procura maior pelas fontes, devido ao tempo e a forma de apuração que se diferenciam das notícias.

Nas definições de Pereira Junior (2010, p. 93), “ao assumir o papel de mediador entre o real e o público, o jornalista busca intermediários para entender o mundo”, e por meio do testemunho destes, é possível reconstituir narrativamente acontecimentos e histórias. As fontes oferecem visões, características e detalhes importantes. O jornalista como um observador das cenas, capta detalhes que lhe chamam a atenção, escuta e questiona, para depois, por meio dos relatos, costurar com as apurações já realizadas.

O modo como cada fonte aparece em uma narrativa é parte de como o jornalista exercita seu poder de narrar, atribuindo importância aos trechos, depoimentos e visões sobre os acontecimentos a partir do que julga ser mais relevante ao público. Ao entrevistar as fontes e apurar as atividades o profissional determina a composição da obra, pois organiza a narrativa e os caminhos que serão percorridos. As fontes “desdobram e alargam as instâncias que produzem discursos e iniciativas, acrescentam e diferenciam canais e modalidades de comunicação, fazem crescer o volume de dados e informações” (PINTO, 2000, p. 292) e atreladas à sua utilização, o público volta a atenção e dá maior credibilidade ao conteúdo, uma vez que este se torna mais humanizado.

Diferenciar “fonte de informação” e “fonte de notícia” (SCHMITZ, 2011, p. 9) é necessário, uma vez que a informação está disponível para qualquer pessoa, enquanto a fonte de informação necessita de um meio de transmissão, de acordo com Schmitz (2011). O jornalista pode abordar as fontes de diferentes modos dependendo do foco da reportagem. As fontes são

[...] pessoas, organizações, grupos sociais ou referências; envolvidas direta ou indiretamente a fatos e eventos; que agem de forma proativa, ativa, passiva ou reativa; sendo confiáveis, fidedignas ou duvidosas; de quem os jornalistas obtêm informações de modo explícito ou confidencial para transmitir ao público, por meio de uma mídia. (SCHMITZ, 2011, p. 9).

Não só a escolha da pauta, mas também, a forma de interação entre jornalista-fonte

é essencial para determinar as atribuições, seja na notícia ou na reportagem. Assim, Pinto (2000) define oito perspectivas para classificar as fontes, sendo elas: segundo a natureza (fontes pessoais ou documentais); a origem (fontes públicas/oficiais ou privadas); a duração (episódicas ou permanentes); o âmbito geográfico (locais, nacionais ou internacionais); o grau de envolvimento (oculares ou indiretas); a atitude face ao jornalista (ativas ou passivas); a identificação (assumidas ou anônimas) e segundo a metodologia ou estratégia de atuação (preventivas ou defensivas).

Ainda sobre as classificações das fontes, Lage (2009) aborda três pontos principais aos quais podemos nos remeter para o embasamento deste estudo, observando a divisão entre: a) fontes oficiais, oficiosas e independentes; b) primárias e secundárias e c) testemunhas e especialistas (LAGE, 2009). O autor as caracteriza da seguinte maneira:

- a) Fontes oficiais são mantidas pelo Estado e por instituições que preservam algum poder de Estado. São tidas como as mais confiáveis. As oficiosas são ligadas a uma entidade ou indivíduo, mas não estão autorizadas a falar em nome dela ou dele. E as fontes independentes são desvinculadas de uma relação de poder ou interesse específico em cada caso (LAGE, 2009);
- b) As fontes primárias são utilizadas para obter o essencial de uma matéria, enquanto as fontes secundárias auxiliam na preparação da pauta ou a construção genérica das premissas (LAGE, 2009);
- c) Sobre fontes testemunhas o autor revela que o discurso pode ser modificado pela emoção e perspectiva, o que nos confere a abordagem de diferentes direções. Já as fontes experts, ou também chamadas de especialistas, são fontes secundárias acionadas para outras versões e interpretações (LAGE, 2009).

Essas classificações assumem um papel importante na escolha rápida das fontes, pois assim, o jornalista sabe a quem recorrer em cada situação. Algumas das fontes citadas se tornam rotineiras pelo grau de envolvimento em temas recorrentes na sociedade, como é o caso das fontes públicas e oficiais. No presente estudo, todavia, procuramos verificar quais e como as fontes são abordadas pela jornalista, e por fim, trazer um panorama apreciativo e interpretativo sobre elas.

De acordo com Pereira Junior (2010, p. 96), “noticiar com frieza protocolar é um ato desumanizante, seja o alvo da apuração uma pessoa, cena ou histórias”. Em contrapartida, a obra analisada apresenta uma narrativa humanizada, em que a jornalista se

preocupa em contextualizar toda a história, trazendo os relatos das principais vítimas e não apenas seguindo as perguntas que formam o *lead*, mas costurando explicações de autoridades e especialistas com as emoções de quem sentiu na pele o horror do Centro Hospitalar Psiquiátrico de Barbacena. A significativa distância temporal entre a publicação de *Holocausto Brasileiro* e a obra remete a uma apuração ainda mais humanizada, uma vez que estava prestes a completar 50 anos de divulgação de uma reportagem do hospital psiquiátrico no período das entrevistas, e o foco de Daniela Arbex voltou-se para os sobreviventes.

A pluralidade deve marcar as páginas das obras desse tipo, uma vez que “o livro-reportagem pode fugir do estreito círculo das fontes legitimadas e abrir o leque para um coral de vozes variadas”, afirma Lima (2009, p. 84). De acordo com o autor o livro-reportagem está dividido em seis tipos, sendo um deles referente as fontes da narrativa. Em consonância, tais vozes criam uma coletânea de informações, que através de uma filtragem do ouvinte primário — o jornalista — se confundem em uma mesma narrativa dando um sentido único na história, e o que antes eram relatos isolados, no fim, tornam-se parte de um só evento. A convergência concretiza as exposições e faz das fontes o suporte principal, pois é com base nos relatos que é possível “dar efeito de real ao discurso da notícia ou da reportagem. O testemunho auxilia na reconstrução discursiva do acontecimento, mas é representado como alguém que não tem a noção do todo” (AMARAL, 2015, p. 51). Com a obtenção de fontes e a reconstituição da história o jornalista demonstra a pluralidade de um acontecimento, elencada em diferentes visões e sentimentos.

A rotina produtiva nos meios jornalísticos tradicionais impacta diretamente na busca e na forma em que se dá o diálogo com as fontes, devido a grande influência tecnológica e principalmente, pela instantaneidade da divulgação das informações. Nas notícias esse distanciamento pode gerar uma desumanização na cobertura, pois interfere na interlocução entre repórter e entrevistado (PEREIRA JUNIOR, 2010). Nas apurações de *Holocausto Brasileiro*, Daniela Arbex relata as aproximações prévias com os entrevistados antes mesmo de iniciar a apuração mais extensivamente. Esse ponto é um indício da diferenciação que pretendemos trabalhar e debater em relação ao tratamento das fontes nos livros-reportagem. Pereira Junior (2010, p. 99) afirma que “a humanização do relato implica uma abertura às necessidades informativas de quem consome a notícia e um respeito em apresentar situações em sua complexidade”, assim, conquistar a fala dos personagens em momentos delicados repassa ao leitor a principal mensagem e também, as percepções do repórter que concretizam o relato em algo verídico.

Nos estudos de Santos (2002) a notícia é definida como uma construção social que parte de dois agentes definidos por ele, como a fonte de informação e o jornalista. A primeira refere-se aos interesses na promoção e divulgação, e a segunda, é quem noticia os acontecimentos e desvenda os segredos das fontes, de acordo com o autor. Ao atrelar essas características ao livro-reportagem vemos uma maior semelhança principalmente no segundo ponto, por se tratar de um interesse intrínseco principalmente ao comunicador, que vai em busca da pauta.

Instigar a curiosidade através de ensaios e matérias de interesse público é uma arte refletida nos livros-reportagem. Estar frente as mais variadas situações fazem com que a absorção das informações vá além da publicação da obra. O repórter com um bloco em mãos, um gravador de voz e um ouvido atento, além de ser um mensageiro se torna também uma testemunha. Para isso, Gagnebin (2006, p. 49) se refere a testemunha como “aquele que não vai embora, que consegue ouvir a narração insuportável do outro e que aceita que suas palavras levem adiante, como num revezamento”. Revezar as dores, as alegrias, as histórias de quem é esquecido. O repórter, ao se responsabilizar pelos relatos reconstitui, a percepção que um ouvinte tem como base, para que a sociedade absorva o fato principal sem considerar “menos autêntico pelo fato de ocorrer fora da experiência direta”, como afirma Peres (2016, p. 6).

3.1. Os fios-condutores das memórias

Para a reconstrução de acontecimentos a apuração se volta à busca de fontes que presenciaram a experiência em questão, aos especialistas e cargos públicos e políticos influentes ao fato. Amaral (2015, p. 52) afirma que

“em qualquer fase da cobertura, o discurso jornalístico vai disponibilizando posições a serem ocupadas pelas manifestações dos agentes sociais. As fontes jornalísticas constituem-se, nesta perspectiva, em locutores que ocupam essas posições já delineadas pelo campo jornalístico”.

As classificações que podem ser dadas as fontes, já apresentadas por Lage (2009) como oficiais, oficiosas ou independentes, primárias ou secundárias e testemunhais ou experts, serão tratadas no estudo, primeiramente, como fontes testemunhais, oficiais e documentais. Respectivamente, justifica-se a escolha de acordo com o estipulado por Pereira Junior (2010), como sendo estas os primeiros informadores, contatos de mídia

importância e personagens fulcrais.

As fontes testemunhais são denominadas por Amaral (2015, p. 44) como “aquelas que presenciaram o fato, participaram diretamente da sua causa ou sofreram as consequências dele”, inclui-se nessa categoria as vítimas de uma tragédia, referindo-se nesse caso aos pacientes do Hospital de Barbacena. O principal escopo analisado elenca as vítimas como fontes testemunhais, podendo ser pontuadas como “vítimas diretas, vítimas indiretas ou testemunhas oculares”, de acordo com Amaral e Oliveira (2018, p. 41). Na obra compreende todos os funcionários e participantes próximos que tiveram contato ou influência sobre os internos. Após registro dessa categoria é resgatado os trechos narrados pela autora, que nos fazem refletir acerca da memória das fontes e converge com ponderações temporais em relação ao acontecimento.

Conceder às fontes testemunhais os principais relatos da narrativa elucida a veracidade dos fatos, mesmo que estes apresentem traços literários como é o caso dos livros-reportagem. Oliveira e Amaral (2016) defendem que o testemunho possibilita um efeito de verdade no discurso, devido a presença na situação. “É justamente esse caráter de fidedignidade que faz o testemunho ser tão caro ao jornalismo, já que para atender à exigência de credibilidade do contrato de comunicação, é necessário provar ao público ser o seu relato verdadeiro” (OLIVEIRA; AMARAL, 2016, p. 80). Para preencher todas as lacunas de uma apuração é necessário a busca pelas demais fontes e assim, demonstrar as diferentes perspectivas do acontecimento. Com isso, utiliza-se as fontes oficiais e documentais para retratar as fontes restantes que compõem a obra.

Ao apurar tragédias recentemente ocorridas algumas fontes oficiais buscam o isolamento diante dos fatos, por não possuírem informações ou estarem envolvidas com a investigação de órgãos de maior autoridade (OLIVEIRA; AMARAL, 2016). Mesmo assim são acionadas para dar credibilidade à reportagem e por “representarem instituições de poder e exercerem também certo controle e responsabilidade” (AMARAL, 2012, p. 3). A partir da análise de *Holocausto Brasileiro*, as fontes oficiais mostram-se presentes no relato de psiquiatras e grandes nomes do setor de saúde.

Elenca-se as fontes documentais como todos os demais documentos utilizados para criar e elucidar pequenos vazios que compõem a história das fontes testemunhais. Além das fontes explanadas, a autora trabalha na obra com um grande acervo fotográfico de Luiz Alfredo e que por meio das suas fotos e de “suas memórias deram o pontapé inicial” (ARBEX, 2019, p. 198) para a apuração de *Holocausto Brasileiro*. Documentos admissionais de trabalho no hospital, fotos atuais e registros de identidade dão o restante do

suporte à narrativa.

O efeito verídico também é concretizado com o forte apelo emocional que as fontes testemunhais são capazes de causar aos leitores, pois segundo Amaral e Oliveira (2018) foram elas que sobreviveram, viram ou sentiram a consequência do fato e isso “dá a dimensão do poder de afetação do acontecimento” (AMARAL; OLIVEIRA, 2018, p. 41). O relato testemunhal pode ser registrado de diferentes modos, pois ao tratar de pessoas afetadas com intensidades distintas, as reações podem se configurar nas mais diversas formas. No caso de *Holocausto Brasileiro*, a jornalista Daniela Arbex também encontra o empecilho temporal, desconhecendo o número e a localização exata dos sobreviventes, assim como a condição psicológica dos internos, pois alguns mesmo após a saída do Hospital Colônia, permaneceram com traumas psicológicos e dificuldade de convívio social. Aqueles que contribuem para a reconstituição da história possuem “a fala do urgente, do pungente, do desespero, do sofrimento e da busca de solução individual”, como define Amaral (2015, p. 50). Nas apurações de tragédias atuais é possível observar os testemunhos que buscam a justiça para si próprios e os testemunhos que corroboram para a sondagem dos eventos.

4. HOLOCAUSTO BRASILEIRO

Foi em uma entrevista com o psiquiatra José Laerte, em 2009, que Daniela Arbex conheceu o livro *Colônia*, publicado em 2008, pelo Governo de Minas com diversas fotografias feitas por Luiz Alfredo, do Centro Hospitalar Psiquiátrico de Barbacena, em Barbacena-MG. Um misto de indignação e perplexidade tomaram conta do semblante da autora, ao folhear as primeiras páginas do livro. “Saí de lá com a certeza de que precisava ver de perto o que havia restado do pior capítulo da história da psiquiatria mineira. Senti-me na obrigação de contar às novas gerações que o Brasil também registrou um extermínio”, narra Arbex (2013, p. 198) no livro-reportagem *Holocausto Brasileiro*.

A escória social esquecida atrás de grandes muros de concreto. Era assim que as vítimas do Hospital Colônia eram tratadas. Pessoas diagnosticadas como epiléticos, alcoólatras, mulheres violentadas por seus patrões, crianças rejeitadas por suas famílias ou uma simples timidez, eram alguns dos motivos das internações que o hospital recebia durante o período de 1903 a 1980. Através do Trem de Doido, expressão criada pelo escritor Guimarães Rosa e incorporada ao vocabulário mineiro (ARBEX, 2013), mais de 60 mil pessoas foram vítimas da desumanidade de autoridades e funcionários. Histórias comoventes e que depois de mais de 50 anos ainda chocam muitas pessoas, são relatadas em *Holocausto Brasileiro*, escrito por Daniela Arbex. A obra recebeu “o prêmio de Melhor Livro-reportagem pela APCA e conquistou, em 2014, o segundo lugar no Prêmio Jabuti de Melhor Livro-reportagem” (MELO, 2018, p. 3). Arbex ainda publicou, em 2015, o livro *Cova 312, com o qual* conquistou o prêmio Jabuti de 2016. Segundo Maciel (2018, p. 78), com o livro *Cova 312*, “escavou novamente o passado, dessa vez tratando da tortura e morte de um militante político no presídio de Linhares”. Seu livro mais recente é *Todo Dia a Mesma Noite*, de 2018, que revela facetas não contadas na história do incêndio da boate Kiss, de Santa Maria-RS que vitimou 242 pessoas, em janeiro de 2013.

Daniela Arbex era jornalista do *Jornal Tribuna de Minas*, de Juiz de Fora-MG quando teve conhecimento do livro *Colônia* destacado na abertura deste capítulo, e propôs ao editor do veículo escrever uma série de reportagens sobre o Hospital Psiquiátrico de Barbacena, pois a instituição logo completaria 50 anos da publicação de uma reportagem que mudaria a história psiquiátrica no Brasil. No período de 20 a 27 de novembro de 2011, as matérias foram publicadas no jornal de forma mais compacta, devido ao espaço limitado. Não satisfeita com o término da série, em 2012 Arbex retomou as apurações e entrevistas para escrever o livro. Durante um ano, conciliou o trabalho como jornalista no *Jornal*

Tribuna de Minas e o tempo dedicado às vítimas, funcionários e médicos, assim como, à verificação de documentos referentes ao tema. “Entrevistou mais de cem pessoas, parte delas nunca tinha contado a sua história”, afirma Eliane Brum (ARBEX, 2019, p. 16) no prefácio de *Holocausto Brasileiro*. Isso porque muitos deles tinham medo e acabavam se tornando amigos do silêncio. Nos relatos de Arbex (2019) muitos funcionários afirmaram que preferiam fingir, do que aceitar a crueldade do que acontecia diante de seus olhos. Além destes, Arbex também entrevistou jornalistas que na época puderam entrar no hospital e registrar o horror cometido com as pessoas.

De acordo com Melo (2018, p. 3), “a grande repercussão alcançada por *Holocausto Brasileiro* justifica-se por duas razões principais: a relevância do tema abordado e a contundência do relato”. Devido às denúncias sobre o Hospital de Barbacena, notáveis mudanças ocorreram na psiquiatria brasileira. Além disso, a autora “devolve nome, história e identidade àqueles que, até então, eram registrados como ‘Ignorados de tal’”, afirma Eliane Brum (ARBEX, 2019, p. 13).

O *Holocausto Brasileiro* passou despercebido pela sociedade por muitos anos e a estrutura da instituição — que hoje continua sendo um hospital psiquiátrico, porém em melhores condições — ainda guarda a marca do sofrimento e da repressão sofridas por muitas pessoas. Além da autora encarregar-se do compromisso de narrar um passado obscuro, ela também “convoca seu leitor para assumir posições de denúncia e inconformismo com situações atuais de desrespeito aos direitos humanos básicos”, segundo Maciel (2018, p. 78). A sociedade da época teve maior conhecimento sobre o fato quando o psiquiatra Franco Basaglia visitou hospitais psiquiátricos brasileiros, em 1979. Após sua passagem pelo Hospital Psiquiátrico de Barbacena, convocou uma coletiva de imprensa, “na qual afirmou: ‘Estive hoje num campo de concentração nazista. Em lugar nenhum do mundo presenciei uma tragédia como esta’”, (ARBEX, 2019, p. 217). Desde então, devido às considerações do renomado médico a imprensa e o governo voltaram seus olhos para Minas Gerais, e as mudanças foram aos poucos tomando proporções e modificando o sistema hospitalar psiquiátrico brasileiro.

Em 277 páginas são retratadas as histórias de pessoas que perderam o senso de humanidade devido ao tempo e às violências sofridas dentro do Colônia, como também era chamado o hospital. Dessas, 70% eram consideradas “normais” ou gozavam de boa saúde mental e física antes de serem internadas. Além disso, a autora faz uma busca nos meios de comunicação da época e elenca alguns documentos publicados, como por exemplo, o material da revista *O Cruzeiro*, de 1961, com fotografias de Luiz Alfredo; em 1979, o

Estado de Minas publica “Os porões da loucura”; além do documentário “Em nome da razão”, de Helvécio Ratton, de 1979.

A pequena parcela de midiaticização realizada sobre o Hospital Colônia na época, revela a censura imposta pelo hospital, pois não permitia até os anos 1960, a entrada de jornalistas no local. Autoridades sabiam das atrocidades que eram cometidas, mas ignoravam e compactuavam com a situação. Alguns funcionários revelaram a Arbex o medo constante que sofriam, caso fossem descobertos ajudando algum paciente, como, também, episódios aos quais eram submetidos. Na admissão de algumas enfermeiras um dos testes pelos quais passavam para conseguirem o emprego, era praticar nos pacientes as descargas elétricas no lobo frontal. Ali mesmo, muitas candidatas desistiam por não aguentarem ver o sofrimento da pessoa na maca, que acabava falecendo na “sala de aula” dos ditos normais, como o trecho do relato a seguir:

Cortou um pedaço de cobertor, encheu a boca do paciente, que a esta altura já estava amarrado na cama, molhou a testa dele e começou o procedimento. Contou mentalmente um, dois, três e aproximou os eletrodos das têmporas de sua cobaia, sem nenhum tipo de anestesia. Ligou a engenhoca na voltagem 110 e, após nova contagem, 120 de carga. O coração da jovem vítima não resistiu. (ARBEX, 2019, p. 34).

O horror beneficiou patrões que se libertaram das empregadas que haviam violentado, famílias que abandonaram seus filhos tristes e tímidos, faculdades que obtiveram mais de 1.800 peças anatômicas para estudo, vitimando por décadas, a sanidade de muitas pessoas. Após mais de 50 anos do Hospital Colônia de Barbacena as cicatrizes permaneciam física e psicologicamente, em todos que puseram seus pés lá. Os corredores que hoje são um ambiente limpo e as salas com um suporte hospitalar de qualidade, um dia abrigaram pessoas rejeitadas e esquecidas para morrer. Mas, a denúncia de quem sobreviveu aos horrores de Barbacena são registrados nas páginas do *Holocausto Brasileiro*, são memórias de pessoas que não podiam falar, contestar ou suplicar suas escolhas, impedidos de exercer a liberdade, as vítimas revelam os atos mais desumanos pelos quais vivenciaram em meses ou décadas de sofrimento.

E para que tudo isso fosse registrado, documentos históricos e memórias foram colocados novamente em discussão. Percorrer os corredores do hospital, visitar casas terapêuticas, conversar com os antigos funcionários, diretores, psiquiatras e claro, com os sobreviventes. Em entrevista à Editora Intrínseca, Daniela Arbex (2019)¹ afirma que escreveu “essa história pela voz dos sobreviventes, que foram procurados 50 anos depois de

¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Y5K3mDkf6Ak>. Acesso em: 25 de maio.

terem sido fotografados por Luiz Alfredo”. Elaborar o livro-reportagem a partir das histórias criou uma identidade marcante e diferente de todos os registros feitos pela imprensa, pois ao entrevistar os sobreviventes a jornalista entregou-lhes a oportunidade de contar o que muitas pessoas da época se omitiram a ver e denunciar. “E o *Holocausto Brasileiro* tem um impacto importante porque ele dá voz aos socialmente mudos. [...] Então esse livro nos obriga a ver e a ouvir a voz dos sobreviventes, e isso, essa escuta, ela é muito poderosa, porque ela modifica a gente por completo”, confirma Arbex à Editora Intrínseca.

Nos relatos narrados no livro é possível notar que a época se baseava em uma cultura higienista, afirma Daniela Arbex (2016)², isso demonstra também as diferenças no sistema psiquiátrico brasileiro e a reforma alcançada com as denúncias feitas por profissionais de saúde, a partir do conhecimento que tinham das atividades do Hospital Colônia.

Ao adquirir todas as informações necessárias a jornalista obteve um leque de oportunidades para abordar no livro-reportagem, e assim, adaptações e aprendizados ao longo do caminho foram necessários e construídos. A diferença de espaço, linguagem e tempo de apuração são visíveis ao comparar uma reportagem de jornal e um livro-reportagem, comenta Daniela Arbex (2014)³. Além disso, na conversa a autora do *Holocausto Brasileiro* lembra o período de um ano para reunir todos os dados, elaborar algumas pesquisas, buscar novas fontes e entrevistar novamente aquelas que já havia acionado para produzir as reportagens para a *Tribunas de Minas*.

Ter o relato da autora sobre essas diferenças na estruturação de um livro-reportagem em questão de espaço e linguagem, reafirma os aportes teóricos já apresentados no estudo, uma vez que se tem a teoria em confluência e permitindo debater a prática. Além disso, no momento que Daniela Arbex decide escrever um livro-reportagem que visa dar amplitude à voz das principais testemunhas, nota-se a importância destas para a composição de uma narrativa. Assim, a análise de conteúdo realizada verifica o tratamento que a autora deu às suas fontes, tendo como base as leituras previamente estudadas.

² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MLiKQjXbd0k>. Acesso em: 03 de jun.

³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FHUTKRpU0bg>. Acesso em: 03 de jun.

5. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A curiosidade, característica inerente a um jornalista, proporciona diversos caminhos a serem percorridos para a apuração de uma pauta. É por isso que muitos não se limitam ao que é diretamente perceptível e preferem transitar em pontos diferentes dos demais colegas, o que possibilita ver o mesmo acontecimento de diferentes ângulos. Os pesquisadores dessa área podem ser denominados de detetives, como afirma Herscovitz (2007), pois segundo a autora é por meio dos materiais analisados que os pesquisadores buscam “pistas que desvendem os significados aparentes e/ou implícitos dos signos e das narrativas jornalísticas, expondo tendências, conflitos, interesses, ambiguidades ou ideologias” (HERSCOVITZ, 2007, p. 127).

O interesse pode se enquadrar nas fontes, nos atos destas, na série de eventos ocorridos anteriormente ao fato em análise ou até mesmo, nos fatores desencadeados por um ponto chave na situação. Além disso, é possível efetuar uma análise de conteúdo em diferentes meios, como por exemplo, em jornais, livros, revistas, televisão, rádio e conteúdos on-line. A produção de sentidos ocasionada por qualquer objeto ou expressão é o suficiente para as indagações do pesquisador, desde que seja escolhida uma técnica de análise apropriada para trabalhar com os dados obtidos, reitera Mozzato (2011).

Essas ações ampliadas e a classificação das fontes conforme demonstrado nos objetivos do trabalho são aqui estudadas por meio da análise de conteúdo (AC), método e técnica que surgiu nos Estados Unidos, no início do Século 20, quando os estudos se baseavam principalmente em materiais jornalísticos (BARDIN, 1977). De modo geral, a AC objetiva “compreender criticamente o sentido das comunicações, seu conteúdo manifesto ou latente, as significações explícitas ou ocultas” (CHIZZOTTI, 2006, p. 98 apud MOZZATO, 2011, p. 734), que ao final das investigações possibilitam reflexões diversas sobre um conteúdo.

Com o passar do tempo as ponderações foram sendo aprimoradas, diferenciando os conteúdos entre análises quantitativas e qualitativas. De acordo com Bardin (2011) a análise quantitativa observa a frequência de uma ou mais características pré-determinadas pelo analista, enquanto a análise qualitativa se baseia na “presença ou a ausência de uma dada característica de conteúdo ou de um conjunto de características num determinado fragmento de mensagem” (BARDIN, 1977, p. 21).

A técnica empregada em uma pesquisa exerce um efeito de busca, que “diz respeito à descoberta do que está por trás dos conteúdos manifestos” (MINAYO, 1994, p. 74), indo

de encontro com o proposto uma vez que utiliza-se a análise de conteúdo para a contemplação das fontes testemunhais e o papel que exercem em uma narrativa, por meio do emprego das memórias. Bardin (1977) estipula dois pontos demonstrados pela iniciativa da pesquisa à análise de conteúdo: a) ultrapassagem da incerteza e b) enriquecimento da leitura. Segundo o autor as indagações a que nos submetemos ao avançar em uma leitura, podem também ser o questionamento de outro, o que nos leva a refletir a relevância de tais estudos para o compartilhamento de ideias, uma vez que a análise de conteúdo nos possibilita estruturar diversas considerações, que inicialmente não haviam sido compreendidas.

Herscovitz (2007) define a análise de conteúdo como um fator determinante para a interpretação da vida social de uma época passada, pois, por meio da observação dos modos de convivência, meios de consumo, discursos e interpretações culturais, é possível caracterizar uma determinada sociedade. Devido a análise de conteúdo chamada por Bardin (1977, p. 31) de “conjunto de técnicas de análise de comunicações”, é possível avaliar diferentes ideias e também “comparar o conteúdo jornalístico de diferentes mídias em diferentes culturas” (HERSCOVITZ, 2007, p. 123). A AC se enquadra como um campo vasto de aplicação, pois pode “ultrapassar as incertezas e enriquecer a leitura dos dados coletados” (MOZZATO, 2011, p. 734), uma vez que qualquer mensagem transportada de um emissor para um receptor, pode ser decifrada pela análise de conteúdo (BARDIN, 1977).

Este tipo de técnica se utiliza de procedimentos sistemáticos para a obtenção da descrição de conteúdos (BARDIN, 1977). A intenção da AC é “a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção (ou eventualmente, de recepção), inferência esta que recorre a indicadores (quantitativos ou não)”, afirma Bardin (1977, p. 38). O pesquisador não se limita a conteúdos pré-determinados, tendo a liberdade de análise e visões possibilitadas pelo objeto de estudo. No presente trabalho isso se refere ao conteúdo produzido a partir das fontes acionadas no livro-reportagem, *Holocausto Brasileiro*. A análise desse livro consiste na observação da presença quantitativa e qualitativa das fontes apresentadas, e também, nas atribuições atreladas a elas na narrativa, a forma de inserção e a frequência com que aparecem, podendo conferir diferentes sentidos de acordo com o modo em que isso acontece.

Carvalho (2012, p. 35) pontua a análise de conteúdo como algo além de um método quantitativo, pois ela “é tipicamente híbrida, atenta à qualificação que se sobressai da quantidade”. Desempenha um papel importante na análise e interpretação de dados, porém

a abordagem é reinventada em cada estudo. Isso porque é um método empírico e depende do objetivo da interpretação do autor, tendo apenas algumas regras como base, mas se ramificando em variadas perspectivas de acordo com o material estudado, afirma Bardin (1977). Consiste em identificar além do que é explícito indo em busca do que os autores permeiam nas entrelinhas das mensagens dos objetos, o que restringe a uma análise reflexiva e criativa por parte do pesquisador, por meio da organização do campo, classificações das informações e, por fim, da construção de resultados analíticos.

5.1. Fases da análise de conteúdo

Para a obtenção de um resultado concreto é necessário um planejamento prévio para o estudo. Este pode ser organizado nas três fases definidas por Bardin (1977, p. 95) como: “a pré-análise; a exploração do material; o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação”, explanados a seguir.

A pré-análise é a primeira fase e determina os caminhos seguidos pelo pesquisador no estudo elaborado. A escolha do conteúdo deixa aberta ainda muitas questões que se sistematizam ao longo da elaboração da narrativa, entre os passos dados pelo pesquisador durante a construção da análise, estão:

- a) Leitura flutuante: período em que o material é conhecido, são anotadas as reflexões e dados que podem ser utilizados. É feito o contato com os documentos e são projetadas teorias sobre a leitura que pouco a pouco se torna mais precisa (BARDIN, 1977);
- b) Escolha dos documentos: pode ocorrer *a priori* ou por meio do levantamento de um problema. Após a definição é necessária a elaboração de um *corpus*, este irá compor o procedimento analítico (BARDIN, 1977, grifo da autora);
- c) Formulação das hipóteses e dos objetivos: “uma hipótese é uma afirmação provisória que nos propomos verificar (confirmar ou informar) [...] e o objetivo é a finalidade geral a que nos propomos”, define Bardin (1977, p. 98). As hipóteses criam suposições que só se provarão com a análise dos dados e a chegada ao objetivo pré-estabelecido ao qual é proposto (BARDIN, 1977). Projetar as indagações nos materiais em análise e refletir acerca das possibilidades encontradas, concretizam o *corpus* e resultam na obtenção dos dados;

- d) Referenciação dos índices e a elaboração dos indicadores: pontos importantes ou frequentes no objeto de análise, em que os indicadores são recortes de textos que implicam na categorização e posterior codificação dos dados (BARDIN, 1977).

Ao concluir a pré-análise, o pesquisador chega a segunda fase em que faz a exploração do material, período mais longo, pois, consiste na aplicação de categorias previamente determinadas e a reflexão dos conteúdos do *corpus*, elenca os estudos de Bardin (1977). Por fim o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação se revelam de acordo com o tratamento dado através dos dados obtidos pelo analista. A análise pode ser concluída com “operações estatísticas simples (percentagens), ou mais complexas (análise fatorial)” afirma (BARDIN, 1977, p. 101), isso porque, a classificação e as técnicas utilizadas para o trabalho irão definir o tipo de material e a finalização que será atribuída para a apresentação.

Os estudos de Bardin (1977) são a base central para a análise de conteúdo no presente trabalho, norteando o modo de abordagem do *corpus*, assim como as fases necessárias, desde o início do contato com o material até a construção dos dados obtidos. O trabalho com a análise de conteúdo delibera a investigação de materiais concretizados através da apuração jornalística, o que colabora para a identificação de novas reflexões e estudos na área. Ao analisar pautas já noticiadas pela imprensa, podemos demonstrar a “produção do acontecimento jornalístico, ou seja, nas estratégias e técnicas do processo produtivo da notícia”, como refletem Silva e Maia (2011, p. 19).

5.2. A verificação das fontes por meio da análise de conteúdo

O presente trabalho aplica a análise de conteúdo na leitura da obra *Holocausto Brasileiro*, de Daniela Arbex seguindo as premissas elaboradas por Bardin (1977) sobre a técnica. Além disso, baseia-se nas leituras de Lage (2009) e nos estudos de Amaral (2015) para a decisão dos tipos de fontes para utilizar na classificação. Uma vez que o trabalho visa a investigação das fontes como o elemento principal, também, é de suma importância frisar e considerar a distinção do intervalo temporal entre o acontecimento e a apuração dos fatos.

Ao propor o estudo tendo as fontes como centro dos acontecimentos e principal

foco de análise, são elaboradas duas diferentes camadas, divididas entre as fontes e a memória. A primeira camada propõe suprir o primeiro objetivo já destacado neste trabalho, sendo ele a análise da inserção das fontes, divididas pelo seu tipo e o modo como encontram-se na narrativa. Para isso, o estudo estabeleceu, *a priori*, os tipos de fontes testemunhais, documentais, oficiais, independentes e sem classificação para a obtenção de dados para esse *corpus*, o que gerou uma série de tabelas contendo o nome das fontes, o que representavam na história, como foram retratadas e em seguida, o tipo de fonte à que se classificavam. Tendo definidos os tipos de todas as fontes, foram identificadas e separadas as fontes testemunhais das demais, para a utilização dos dados na aplicação da segunda camada do estudo, que busca entender o tratamento das memórias dessas fontes.

Ao dar seguimento a análise se fez necessário uma segunda tabela para as fontes testemunhais, em que essas são separadas entre primárias e secundárias. É visto a importância dessa diferenciação, pois devido o nível de vivência com o fato, no caso, as atrocidades ocorridas no Hospital de Barbacena, a memória das fontes também pode ser alterada.

Com base nas leituras já apresentadas o estudo estabelece para a classificação do tipo de fontes, os seguintes critérios:

- a) Fontes testemunhais: aquelas que sofreram ação direta (internos), classificadas também como primárias, ou indireta (funcionários do hospital, familiares, imprensa e profissionais de outros setores), todas elas classificadas aqui como secundárias;
- b) Fontes documentais: aquelas inseridas na narrativa por meio de documentos, fotos e arquivos que compõem a apuração da obra;
- c) Fontes oficiais: aquelas com especialidade em determinado assunto, na obra visto principalmente como cargos do poder público e cargos administrativos da instituição retratada;
- d) Fontes independentes: aquelas que não estão atreladas a nenhum cargo de poder, mas possuem conhecimento sobre determinado assunto;
- e) Fontes sem classificação: devido a inconsistência de alguns dados, não é possível a classificação de determinadas fontes.

6. O PROCESSO DE ANÁLISE DE *HOLOCAUSTO BRASILEIRO*

Ao propor a análise de conteúdo do livro-reportagem *Holocausto Brasileiro* é imprescindível pensar na composição das fontes jornalísticas que o compõem, mas também as intenções declaradas nas entre linhas por Daniela Arbex. Tais observações diferenciam a AC de uma leitura comum, da apreciação por mero prazer. O trabalho esclarece além da demonstração de resultados e classificação por tabelamento das fontes acionadas, pois é preciso ponderar os significados e a importância que cada narrativa ocupa no espaço como um todo e o peso que isso transfere à obra.

De antemão ao estudo as hipóteses levantadas baseiam-se na maior ocorrência das fontes testemunhais, tendo em vista o fator tempo como principal destaque de diferença para a pauta e as atrocidades que muitos internos da instituição sofreram. Assim, elenca-se pontos que visam um aprofundamento do estudo na perspectiva do relato humanizado e não a busca da justiça ou respostas de fontes oficiais e demais participantes da ação. Além disso, por meio da leitura flutuante (BARDIN, 1977) estima-se um número elevado de fontes documentais para a composição da obra, uma vez que é notável uma vasta pesquisa bibliográfica para a reconstituição da história. É importante frisar que para a análise de fotografias utilizadas como fontes documentais, o estudo objetiva apenas as fotos que compõem a narrativa, e não, as utilizadas na estética da obra.

Partindo dessas suposições, inicialmente o exercício realizado foi o de identificação das fontes na obra, seguido de marcações e tabelamento por capítulos. Para a classificação utiliza-se quatro colunas destacadas como: quem, o quê, como e tipo, que referem-se respectivamente ao nome da pessoa, sua função ou denominação, a forma de inserção na obra e o tipo de fonte que ela representa. O mesmo método foi utilizado para os 14 capítulos e o posfácio, produzindo inicialmente 15 tabelas diferentes de classificação.

Para dar seguimento ao tabelamento todas as fontes já classificadas foram reunidas em uma tabela geral, que contém as cinco diferentes classificações e o total de fontes apuradas. Com isso, chegamos ao resultado de 51 fontes verificadas para o estudo, expressadas no gráfico da Tabela 1, com a série de dados em porcentagem.

Tabela 1 – Levantamento das fontes no livro-reportagem *Holocausto Brasileiro*.

Classificação	Número de fontes	% de fontes
Testemunhal	23	45,1
Documental	15	29,41
Oficial	5	9,8
Independente	4	7,84
Sem classificação	4	7,84
Total	51	100%

Fonte: Elaborada pela autora.

Nota-se que as fontes testemunhais se referem a mais de 45% da composição da obra, entre elas as fontes primárias e secundárias. Outra análise feita previamente com a leitura flutuante (BARDIN, 1977) é o número elevado de fontes documentais, caracterizado em mais de 29% das fontes totais. Esses números podem ser atribuídos à questão do intervalo temporal, visto também pelo número de fontes oficiais, representado em quase 10% da do número de fontes verificadas. O ímpeto da jornalista em ouvir as principais vítimas, reservou um pequeno espaço para as demais, estar consciente de que não haverá indicação de culpados ou mudanças pelo o que já foi feito, faz do *Holocausto Brasileiro* um livro-reportagem dos esquecidos. Para completar a análise quantitativa, temos as fontes independentes e sem classificação o mesmo resultado, a presença de quase 8%. Todos esses dados são analisados e apresentados no decorrer do trabalho.

6.1. As fontes da narrativa

Ao elencar as fontes testemunhais como principal escopo do estudo é então reservado um espaço mais amplo para a demonstração dos resultados obtidos, por isso, a análise refere-se inicialmente às demais fontes verificadas. O primeiro ponto abordado vislumbra as fontes documentais como o segundo item apresentado com maior frequência, com um total de 15 fontes ou então, representando 29,41% da composição de fontes utilizadas e citadas na obra.

Para as fontes documentais, os critérios de observação se restringem ao embasamento bibliográfico, visto na contagem de fotografias, documentos pessoais ou

institucionais e textos em geral. É importante ressaltar que as fotografias contabilizadas no estudo não abrangem o que foi utilizado pela autora para a estética da obra, mas somente o que compõe a narrativa textual, assim como, exclui-se o espaço especial de oito páginas reservado a demonstração do trabalho realizado pelo fotógrafo Luiz Alfredo, encontrado no décimo capítulo, chamado de “a história por trás da história”, entre as páginas 192 e 193 do livro-reportagem. Nesse espaço, é relatado principalmente a trajetória do profissional, mas também a experiência obtida ao produzir uma matéria para a revista *O Cruzeiro*, junto com o colega José Franco, onde ambos atuavam na época. “A sucursal do inferno, como os repórteres batizaram a reportagem sobre o Colônia, ganhou cinco páginas da revista em 13 de maio de 1961”, narra Arbex (2013, p. 177).

Desse modo, é possível registrar a presença de 66 fotografias, sendo elas dos pacientes, algumas durante o período de internação e outras mais atuais, fotos do hospital na época e atualmente, de antigos funcionários, psiquiatras e familiares, e também, fotos de outros locais e transportes utilizados pela administração do hospital, como a carrocinha que levava os corpos até o Cemitério da Paz e até mesmo, fotos atuais do cemitério em questão, que hoje se encontra abandonado. Além disso, foram contabilizados nove documentos pessoais, entre Carteiras de Identidade e Carteiras de Trabalho e os documentos hospitalares encontrados na apuração da autora são 10, sendo registros de contratos de trabalho, da entrada de pacientes, da venda de peças anatômicas e prontuários de nascimentos. Entre esses, encontra-se um “documento de uma mulher internada em 1911 por tristeza” (ARBEX, 2013, p. 40), e também, registros da venda de corpos e de algumas peças anatômicas de pacientes que faleceram dentro da instituição hospitalar e que tiveram como destino algumas faculdades brasileiras. Com isso, registra-se que 1.853 corpos “foram vendidos pelo Colônia para dezessete faculdades de medicina do país entre 1969 e 1980” (ARBEX, 2013, p. 81), com um valor de cinquenta cruzeiros cada, equivalentes hoje a R\$ 200 por peça, reitera a autora. Demais fontes documentais são integradas entre artigos publicados em jornais, e-mail e uma caricatura, com um total de quatro verificações.

É possível notar que todos esses elementos são de suma importância a esse tipo de livro-reportagem, que registra um fato ocorrido há muito tempo. Os documentos apurados por Arbex são apresentados na obra de forma balanceada entre a história e o que de fato ela narra, além de trazer elementos de veracidade e comprovação ao leitor, de que o escrito realmente aconteceu, sendo possível provar por meio dos registros obtidos. A composição das fotografias constata as denúncias provenientes também das fontes documentais, uma vez que revela tudo aquilo que está sendo dito, tendo o subsídio de imagens para permear

as ideias. A partir do momento que o leitor se depara com o livro-reportagem já é possível entender que *Holocausto Brasileiro* não é uma obra escrita para acobertar um feito, mas realmente, para escancarar os erros que o sistema de saúde brasileiro já foi capaz de cometer com a sociedade. Como mencionado anteriormente, o livro possui um grande número de fotos, algumas delas possuindo um padrão, como por exemplo, ao fim de todo o capítulo a página carrega uma fotografia estendida caracterizando o cotidiano do Hospital Colônia. Assim, elas se fazem presentes para costurar a narrativa e também, como forma de quebra de texto e capítulos, o que torna uma leitura mais fluída e ao mesmo tempo impactante.

Entre as fontes documentais classificadas na análise estão alguns pacientes presentes na narrativa, mas acionados pelas memórias de terceiros, pois vieram a óbito antes da apuração e desta maneira, estão registrados no livro por meio de fotografias e em um caso especial, devido a composição de uma música. Refiro-me à Sueli Aparecida Rezende, que possui a história retratada no capítulo sete, “A filha da menina de Oliveira”. Arbex utiliza o testemunho de Débora Aparecida Soares retirada dos braços da mãe Sueli, pela ex-funcionária Jurema Pires Soares, para representar a história de mais uma vítima do Colônia. Sueli é lembrada também na produção do cineasta Helvécio Ratton, intitulada “Em nome da razão”, que mostra Sueli Rezende cantando uma música que retratava o dia a dia das milhares de pessoas esquecidas entre os muros de concreto da instituição. Outro exemplo de fonte documental que se difere das demais é o caso do e-mail enviado por Ivanzir Vieira, que testemunhou a chegada dos corpos em uma faculdade de Minas Gerais, como citado anteriormente. Esses dois exemplos demonstram a preocupação da jornalista em relacionar o que é relatado nas entrevistas com os aportes documentais, além da capacidade de roteirizar essas histórias de diferentes modos, a cada capítulo.

Para uma longa pesquisa exploratória se faz necessário o aporte daqueles que estiveram presentes ou podem fornecer registros para subsidiar as fontes documentais. O livro-reportagem de Daniela Arbex aborda apenas cinco fontes oficiais, de acordo a classificação aqui utilizada. Segundo os estudos já explanados por Amaral (2016), as fontes oficiais buscam se ausentar de entrevistas em tragédias recentes, pela falta de informações ou restrições de fala devido a associação à um cargo de poder. A pequena presença de fontes oficiais não reitera a fala de Amaral (2016) nesse caso, pois a questão temporal é um fator determinante na abertura dos relatos. Com a análise é possível notar que parte de uma escolha autoral, e as fontes oficiais acionadas dão explicações suficientes e de acordo com o que a obra propõe, junto com o relato das fontes independentes, que serão explanadas no

decorrer do trabalho.

As fontes oficiais identificadas, em sua maioria a partir do capítulo dez, abordam a psiquiatria brasileira da época assim como, o funcionamento do Hospital Colônia e a reforma hospitalar que ocorreu a partir da década de 1980, devido a denúncia de alguns profissionais da comunicação e de alguns especialistas da área da saúde. Neste caso reitero que a obra em análise se difere dos estudos de Amaral (2016) pela distância temporal, entre o fato e a apuração. As fontes oficiais entrevistadas por Arbex fizeram apontamentos pertinentes e esclarecedores sobre as atividades desenvolvidas na instituição, ou então, sobre o sistema psiquiátrico, mesmo estando em cargos de poder de significativa relevância na área. Temos, como exemplo elucidativo dessa afirmação, o esclarecimento do psiquiatra Jairo Toledo, diretor do Centro Hospitalar Psiquiátrico de Barbacena até março de 2013, ele comenta sobre a lotação do terreno do Cemitério da Paz, já mencionado anteriormente. “Como ele não absorvia mais a demanda, nós o desativamos. O cemitério foi criado praticamente junto com o hospital, por isso, a leitura que faço é que os doidos, assim como os negros, não eram enterrados junto com os normais” (ARBEX, 2013, p. 69). O relato de Jairo demonstra não haver censura em relatar o que realmente era feito pelos administradores do hospital à época, assim como em outro trecho que revela ter interrompido o comércio de cadáveres, na década de 1980 (ARBEX, 2013). Reconhecer os erros do passado para ir em busca da mudança psiquiátrica e o tratamento com os pacientes, foram fatores determinantes para estabelecer um novo sistema, em condições melhores que antigamente.

Perpassando a narrativa depara-se com evidências graves que eram sofridas pelos pacientes, relatadas pelo superintendente do serviço de psiquiatria da Fundação Educacional de Assistência Psiquiátrica, Ronaldo Simões Coelho, em um trecho sobre os eletrochoques. “Às vezes, a energia elétrica da cidade não era suficiente para aguentar a carga. Muitos morriam, outros sofriam fraturas graves” (ARBEX, 2013, p. 35). Simões foi um exemplo que estava a frente da tragédia, mas ia contra o sistema implementado, devido as acusações e denúncias feitas pelo psiquiatra na época. Com isso, é possível refletir se o mesmo ato seria feito atualmente, uma vez que muitas pessoas à frente dessas atividades não admitiriam tais processos por medo de represália. Apesar da resistência e a censura que o século passado mantinha, a trajetória política de Paulo Delgado, iniciada em 1979, deu abertura ao crescente desafio de falar sobre os problemas enfrentados na saúde, e com isso, diversas denúncias vindas de médicos e psiquiatras começaram a surgir, para aos poucos tornar o Hospital Colônia um memorial de 60 mil vítimas.

As inserções apresentadas por Arbex inicialmente de maneira mais sutil, pois somente permeavam os relatos testemunhais, tiveram maior peso na narrativa após a apresentação da história de algumas vítimas. Isso demonstra o balanceamento desejado para a obra, uma vez que é priorizada a memória daqueles que sobreviveram, apresentando ao fim o contraponto daqueles que executaram e/ou estavam à frente das deliberações institucionais. Dar corpo e finalizar o livro-reportagem principalmente com as fontes oficiais é uma estratégia observada para causar uma reflexão ao leitor, uma vez que são levantados alguns questionamentos atuais pela jornalista, como o caso das administrações de prisões, centros de socioeducação para adolescentes e das comunidades à mercê do tráfico (ARBEX, 2013). Isso confirma que *Holocausto Brasileiro* é um livro-reportagem que além de registrar anos de impunidade da saúde brasileira, também indaga sobre as decisões atuais do sistema.

Outra coluna importante nesse conjunto são as fontes independentes, que não possuem relação de poder específica, em conformidade com as reflexões apresentadas anteriormente por Lage (2009). No presente estudo elas representam quase 8% dos dados obtidos na análise de conteúdo. Dessas, todas sendo profissionais sem vínculo com alguma instituição de saúde em particular, pois todos os apresentados são descritos como psiquiatras. Assim como a maioria das fontes oficiais, as independentes também se encontram a partir do capítulo 10, onde possuem voz na narrativa.

A primeira delas a ser apresentada é a fonte que mostrou as fotografias de Luiz Alfredo para a jornalista. Em entrevista ao psiquiatra José Laerte, Daniela Arbex inicia uma busca pelas vítimas e um resgate às memórias delas. Para isso, primeiro ela encontra-se com o autor dos retratos e assim, “a tragédia provocada pelo Colônia começou a ser revelada pelo olhar dos sobreviventes e de suas principais testemunhas”, narra Arbex (2013, p. 198).

As fontes independentes não são o principal foco desencadeador da história, mas trazem um ponto de vista pertinente aos dias atuais, tendo alguns deles, já criticado e até mesmo denunciado o sistema em épocas passadas. Ao entrevistar o psiquiatra mineiro Francisco Paes Barreto, Arbex conquista uma forte opinião de um especialista sobre a situação em que nos encontramos, pois o mesmo revela que a saúde mental brasileira precisa viver um “novo discurso” (ARBEX, 2013, p. 242). Trazendo à tona novamente os estudos de Amaral (2019) e diferentes da análise acometida anteriormente, as fontes independentes em tempos atuais não deixam de expressar a opinião, uma vez que não possuem vínculo de poder público, diferente das fontes oficiais. Verifica-se que apesar da

obra finalizar com uma crítica atual, as fontes que reiteram essa afirmação não são oficiais, pois logo, estariam prejudicando interesses próprios em convergência com a política pública.

Para o último tópico dessa análise de conteúdo são apresentadas as fontes sem classificação. São fontes que não se encaixam nas demais lacunas devido a inconsistência de dados. Mesmo com a leitura interpretativa geral do capítulo e contextualização a que pertence, não foi possível denominá-las adequadamente as demais opções elencadas *a priori* pelo estudo. Além de inicialmente não poder averiguar a confirmação ou não de entrevista, também apresentam uma participação com pouca voz na história, traduzidas em pequenas menções.

Com isso, demonstra-se o que já foi sondado previamente pelos estudos exploratórios do presente trabalho, visto na importância da utilização das fontes jornalísticas de todos os âmbitos que permeiam uma situação ocorrida, e também, o maior número de fontes vislumbrado em um livro-reportagem, não apenas demonstrado pela entrevista corpo a corpo, mas verificado desde o levantamento de hipóteses, possíveis atingidos ou beneficiados, documentos e demais indagações que ultrapassam as barreiras do comum. Assim, constrói-se pouco a pouco a apuração e se estabelece a aferição do episódio, concluindo ao fim o exercício do fazer jornalístico.

É importante ponderar que a obra é uma iniciativa própria da jornalista, o que desencadeia uma série de contemplações acerca do aspecto da profissão. Livros-reportagem ultrapassam a barreira de uma leitura apreciativa, pois são também uma informação adquirida e um exercício para o senso crítico. Mostrar a parte humana de um acontecimento escancara tudo aquilo a que somos vulneráveis perante o sistema e o exercício do poder. A humanização contida na narrativa e o apelo de denúncia demonstrado por Arbex, trazem à tona as censuras do século passado, mas que podem persistir ainda hoje. Por isso, o fazer jornalístico busca dar voz àqueles que testemunharam, que foram vítimas do fato em questão, e reviver a memória desses relatos e dar a devida atenção a eles é o que permeia as análises seguintes.

6.2. Memórias que sobre(vivem)

Amplificar a voz e dar vez às falas das minorias vai além de somente registrá-las no papel ou no meio digital, pois é reflexo também da escuta atenta e da absorção de cada

detalhe da fala, das expressões, dos sentimentos intrínsecos a cada um. As notícias do cotidiano, na maioria das vezes, são atreladas a tragédias, mazelas e desigualdades sociais, nem todos os livros-reportagem são narrados com finais felizes, mas de fato, podem ser ainda mais humanizados do que as notícias do *hard news*. O recurso da humanização em livros-reportagem é uma forma ainda mais simplória de contato com os leitores, por meio da identificação das histórias, das dificuldades e das vitórias. O papel da fonte testemunhal é o principal recurso utilizado para humanizar a narrativa de um livro-reportagem, um dos pontos observados na obra em análise desse estudo. Ao organizar *Holocausto Brasileiro* focado no relato das testemunhas primárias e secundárias que de alguma maneira conduzem até o epicentro da narrativa, é uma proposta ousada de Daniela Arbex. Reviver o passado dos sobreviventes da tragédia ou dos atores que moldavam a cena cotidiana da instituição hospitalar, humaniza e eterniza um passado de atrocidades.

Remetendo novamente aos estudos de Amaral (2015), sabe-se que as fontes testemunhais são aquelas que vivenciaram a situação em questão, nesta análise observadas como primárias e secundárias, como já contextualizado por Lage (2009). As fontes primárias do estudo referem-se aos pacientes do Centro Hospitalar Psiquiátrico de Barbacena, enquanto as fontes secundárias baseiam-se no relato de funcionários, familiares, profissionais da imprensa que registraram o hospital na década de 80 e trabalhadores que prestaram assistência aos ex-pacientes após o fim da internação. Com a classificação dos tipos de fontes e posterior tabelamento, verificou-se 23 fontes testemunhais, o que representa 45% da composição dos relatos no livro, dessas, sete são primárias e 16 secundárias.

Durante o período de apuração para o livro, em 2011, Arbex registra o número de 170 pacientes que permaneciam internados, classificados como crônicos, tendo uma expectativa de sobrevivência de dez anos (ARBEX, 2013). Por isso, para verificar os relatos contidos nos livros foi preciso identificar se a fonte de fato foi entrevistada ou não. Assim, concluiu-se que algumas histórias são apresentadas por outra pessoa que teve convívio com o paciente e, em outros casos, não foi possível fazer a identificação de entrevistas pela inconsistência de dados, por isso a lacuna das fontes sem classificação, já foram apresentadas. Nota-se, com a análise, que poucos sobreviventes puderam manter uma vida consideravelmente normal ou com dignidade, mesmo que tenham entrado no hospital sem alguma doença psicológica comprovada. Para alguns foi impossível não sair de lá sem sequelas depois de um longo período de internação. Para ser paciente do Colônia bastava ameaçar a ordem pública ou ser diferente daqueles ditos normais. Como já sublinhado, “a

estimativa é que 70% dos atendidos não sofressem de doença mental” (ARBEX, 2013, p. 25).

Aqueles que sobreviveram e ainda são providos de consciência representam o relato de mais de 60 mil pessoas que morreram entre 1930 e 1980 e as fotografias representadas pelas fontes documentais, constroem e confirmam a história de outras vítimas do Hospital Colônia. Ter o subsídio de quem de fato vivenciou o acontecimento leva a veracidade da ação até o leitor. A conversa com as fontes testemunhais primárias é um ponto crucial para a humanização da obra, uma vez que aborda relatos comoventes e pessoais. “No começo, incomodava ficar nu, mas com o tempo a gente se acostumava. Se existe inferno, o Colônia era esse lugar” (ARBEX, 2013, p. 32), relata o ex-paciente Antônio Gomes da Silva, o Cabo, como foi apelidado.

A jornalista se utiliza de recursos pontuais para demonstrar como as vítimas estão hoje, seja por atitudes ou pelo modo de fala, como retrata ainda na história de Antônio Gomes da Silva. “[...] Fala baixo, quase como se não quisesse lembrar. Tem o rosto apoiado às mãos, e, apesar da estatura alta, parece querer esconder-se de si mesmo” (ARBEX, 2013, p. 32). Na própria narrativa a autora emprega recursos linguísticos que remetem a uma regressão a memória, como o verbo lembrar e revelar, presente também na conversa com o ex-paciente Antônio da Silva, o Toninho. “[...] Lembra bem o que acontecia depois que o aparelho era ligado. Ele via os companheiros estrebucharem quase como se os olhos saltassem da face. Cabisbaixo, faz uma revelação: Ajudei a dar choque em muitos colegas. Ficava segurando”. (ARBEX, 2013, p. 34). Outro exemplo que embasa essa análise está no relato de Luiz Pereira de Melo, outro sobrevivente do Colônia. “Ele também se lembra das intermináveis noites de frio em Barbacena, quando os pacientes faziam um ‘mutirão de camas’ para passar a noite” (ARBEX, 2013, p. 137).

A retratação dos castigos e da rotina monótona são os maiores representantes do acionamento da memória dos pacientes, relembremos aqui os estudos de Gagnebin (2006) que fala que este recurso de retorno as lembranças não devem se confundir com o simples fato de lembrar por lembrar. Ao entrevistar e colocar os fatos frente a frente com as vítimas a jornalista condiciona uma reconstituição traumática, por isso a memória apresenta-se ainda tão viva, e hoje, de forma denunciativa, pois no momento que é dada voz ao entrevistado e ele conclui que possui um ouvinte atento, a abertura e interesse se tornam ainda maiores.

O tratamento que é dado às memórias das fontes testemunhais também pode ser observado em aspectos retratados por Arbex, durante as entrevistas que mediou. Para isso,

usamos como exemplo a história de Elza Maria do Carmo, internada em meados de 1955, no Hospital de Neuropsiquiatria Infantil, de Oliveira-MG, e depois encaminhada ao Hospital Colônia, em 1976, onde conviveu entre os adultos até o fim da internação. A infância a que Elza foi impedida de ter acesso é retratada no seguinte trecho: “Enquanto fala, ela mantém sobre o colo a boneca que não teve na infância [...]. Sobre as décadas de internação, ela se lembra de tudo, menos de ter brincado”, afirma Arbex (2013, p. 93). Tais percepções demonstram o olhar jornalístico que a autora carrega, em que além de entrevistar e retratar, também utiliza dos mesmos elementos da fala da fonte para contextualizar e demonstrar o impacto causado ainda hoje. Esses recursos revelam novamente a humanização da obra, pois não revive apenas o passado, mas aborda a situação atual dos pacientes, visto também nas seguintes frases: “Sônia demonstra lucidez ao falar do sofrimento do passado” (ARBEX, 2013, p. 52) ou também, “a tal comida boa que a ex-interna do Colônia Sônia Maria da Costa tanto se refere também está lá” (ARBEX, 2013, p. 103).

A paciente Sônia Maria da Costa é um caso comum de internação sem diagnóstico de doença, pois foi levada ao Hospital Colônia pela polícia, após ser rejeitada aos onze anos por fazer molecagem na rua. Arbex narra toda a história desta fonte testemunhal, trazendo diversos aspectos da memória da interna, registra as violações que sofreu por não se enquadrar nas regras da instituição. Muitos dos pacientes que se revoltavam com os funcionários demonstravam na verdade o instinto de sobrevivência, pois tinham consciência da injustiça de estarem internados e esquecidos daquela maneira. Em 2003, deixou o Centro Hospitalar Psiquiátrico de Barbacena para morar em uma residência terapêutica, junto com outros cinco ex-internos. Sônia foi uma fonte testemunhal que auxiliou na composição da obra por meio das memórias que possuía devido aos anos de internação no Colônia, mas faleceu antes da publicação do livro-reportagem.

Para retratar as histórias dos pacientes, Arbex têm como um importante pilar o relato de funcionários e familiares, classificados no estudo como fontes testemunhais secundárias. Ao todo são 16 fontes que compõem essa categoria, sendo quase 70% das fontes testemunhais identificadas. Desses, seis relatos contabilizados são de funcionários que estiveram envolvidos com os pacientes durante o período de internação e após a saída do hospital, é o relato deles que auxiliam na construção da trajetória de muitas vítimas. Possuem as memórias ainda presentes no cotidiano devido a desumanidade das atividades que exerciam dentro do Hospital de Barbacena, mas a falta de empregos obrigou-os a seguir. Denunciar o sistema não passava pela cabeça, estavam ali trabalhando mas nada

impedia que fossem institucionalizados como loucos se cometessem algum erro dentro do hospital, ou expondo o que lá acontecia.

Para atender os pacientes do Hospital Colônia nem sempre era necessária uma formação na área, bastava seguir as instruções que eram impostas pelos supervisores. “Contratada como atendente psiquiátrica, Marlene recebeu sua tarefa. Ficaria responsável pelo recolhimento diário do capim que deveria ser colocado para secar [...]”, narra Arbex (2013, p. 24). Marlene Laureano é a fonte escolhida pela jornalista para iniciar e terminar o livro-reportagem. Apesar de ser retratada no estudo como fonte testemunhal secundária, sendo nosso segundo escopo de análise sobre a memória, ela é indicada pela autora como uma voz importante na narrativa. Vivenciou de perto os horrores dos pacientes estando com eles em todas as mudanças ocorridas na instituição, desde antes do fechamento da última cela na década de 80, até o novo sistema de psiquiatria instituído ainda hoje. O principal intuito de Arbex com a obra é dar voz as vítimas do Colônia, mas em alguns momentos, nota-se que para a reconstituição das histórias dos pacientes, é utilizado o testemunho de outras pessoas. Isso porque, alguns dos sobreviventes não possuem total consciência das capacidades mentais para participar de uma entrevista, devido as consequências do longo período de internação.

Uma importante análise feita sobre o primeiro capítulo é a desenvoltura de Arbex de rapidamente contextualizar algumas histórias com as falas de funcionários e mencionar alguns pacientes, criando lacunas e indagações que prendem o leitor na narrativa para que este possa seguir no livro-reportagem. Nota-se que o relato de Marlene, utilizado logo no início da obra, cria aberturas sobre diversos assuntos do hospital, em que a autora faz uma retrospectiva desde os diagnósticos das internações até o número de sobreviventes atualmente. A verificação de todas as fontes presentes no livro possibilita essa visão, não apenas com o olhar de leitora, mas pela análise de conteúdo que foi aplicada para o estudo. Arbex aborda as fontes em diferentes capítulos, aborda as histórias em diferentes momentos, por diferentes lados e situações. Um relato flui com outro e assim as narrativas se fundem em uma só memória. Com isso, Arbex utiliza-se da admissão de funcionários para evidenciar os abusos que eram praticados sem orientações médicas. “A gente aprendia na prática sobre o que fazer, quando ocorria qualquer perturbação”, aponta Arbex (2013, p. 35) com os relatos do funcionário aposentado do hospital, Geraldo Magela Franco, que havia sido contratado como vigia. A impunidade na internação e nos cuidados com os humanos que ali foram esquecidos é uma denúncia constante na obra, em que se apoia nas entrevistas que a jornalista realizou e os documentos que apurou. É possível verificar o

cuidado com o tratamento da memória das fontes quando relata isso na obra, como por exemplo em um trecho que Geraldo fala da rotina no hospital. “Aos setenta e três anos, o aposentado demonstra estar em dia com a memória” (ARBEX, 2013, p. 50).

Em alguns casos, para a contratação dos funcionários, a prática de choques nos pacientes era um exercício comum, e quem pode relatar esse momento foi a encarregada da cozinha, Francisca Moreira dos Reis, também chamada de Chiquinha. Arbex aciona esta funcionária como uma fonte testemunhal que esteve presente dentro do hospital em diferentes momentos da vida, pois quando criança brincava entre os pavilhões enquanto a mãe, Maria José Moreira trabalhava. Ao narrar sobre isso verifica-se outro termo que auxiliou na análise sobre a memória, pois é retratado como “a primeira lembrança que Chiquinha tem do Colônia [...]” (ARBEX, 2013, p. 39). Vemos que em um livro-reportagem sobre uma temática ocorrida com uma grande distância temporal, o acionamento da memória das fontes é de suma importância para a constituição dos fatos, assim como, o papel do jornalista em lapidar essas informações adequadamente, apontando também na narrativa para que seja demonstrado ao leitor. Chiquinha é retratada como uma funcionária que criou elos com algumas das internas, como Conceição Machado e por isso é utilizada também como uma fonte que possui a memória acionada para retratar a história da paciente. Muitos dos funcionários trazidos na obra pela jornalista possuem diversas memórias com pacientes que se tornaram referência na instituição, pelos ataques de rebeldia e violência devido aos sofrimentos impostos. Muitas dessas pessoas não foram entrevistadas, mas algumas são incluídas como fontes documentais, já mencionadas no estudo.

Chiquinha é uma importante fonte que fala sobre a própria imprudência em ajudar os pacientes e o desconhecimento de tudo o que acontecia dentro do hospital. Além de Arbex narrar essas sensações dos funcionários, como no trecho em que diz que “muitos contam que desejaram denunciar o sistema, mas não havia quem se dispusesse a ouvir” (ARBEX, 2013, p. 46), a autora também revela as percepções que teve ao entrevistar os trabalhadores da instituição, como na entrevista com Chiquinha que demonstrava “o olhar perdido, os olhos encharcados de lágrimas, quase a ponto de transbordar. Trinta e cinco anos depois, tem o pensamento direcionado para o ontem” (ARBEX, 2013, p. 43).

Diferente de Marlene Laureano, Geraldo Magela Franco e Francisca Moreira dos Reis, a jovem funcionária Maria Auxiliadora Sousa de Lima resistiu somente sete meses de trabalho no Hospital de Barbacena, mas revela os acontecimentos que ainda a perseguem. “Levou na lembrança a expressão apavorada do menino de catorze anos que puxou sua

saia, implorando que ela impedisse o eletrochoque iminente”, narra Arbex (2013, p. 96). A partir da análise constata-se a importância do tratamento das memórias dado pela autora nos relatos das fontes testemunhais primárias e secundárias, pois muitos levam no inconsciente os horrores sofridos e praticados, e é a partir desses momentos que Daniela Arbex constitui o livro-reportagem.

Além dessas fontes acionadas que trabalharam pelo Hospital de Barbacena, Arbex encontra outros profissionais e cuidadores que estão com os pacientes ainda hoje. Uma das pessoas que mais auxilia os ex-internos é Mercês Hatem Osório, ou irmã Mercês, como a freira é chamada no Lar Abrigado, onde estão seis adultos que foram enviados do hospital de Oliveira para o Colônia, quando ainda eram crianças. É por meio dessa fonte testemunhal secundária que Arbex reconstitui diversas histórias dos jovens, pois alguns deles possuem limitações físicas e mentais e não foram entrevistados para a obra. Irmã Mercês é uma exceção das fontes testemunhais devido a história que escreve a cada dia ao cuidar dos pacientes, não é possível analisar o relato das memórias que possui, pois a cada dia cria novas lembranças dessas pessoas que tanto auxilia e comemora a cada pequena conquista. Mesmo assim, ela é classificada como uma fonte testemunhal secundária pois vivencia cotidianamente o trauma causado pelo Hospital Colônia e pode ver de perto o que a capacidade da negligência e discriminação humana pode resultar em uma vida.

Muitos pacientes permaneceram em abrigos e centros psiquiátricos após o fim da internação no Colônia, vista a necessidade de acompanhamento médico ou pela falta de lugar para morarem. Assim, Barbacena-MG continuou sendo o principal destino dessas pessoas e os profissionais da saúde que atuam no município, veem de perto essa rotina. Alguns conseguiram conquistar um espaço e a privacidade que não possuíam, mas seguem com acompanhamentos psicológicos. Os rotulados como loucos, hoje, dão exemplos de humanidade, refletido na fala de Tânia Cristina de Paula Paiva, psicóloga das residências terapêuticas de Barbacena, que convive com o casal de ex-internos, Adelino Ferreira Rodrigues e Nilta Pires Chaves. Assim como a Irmã Mercês a psicóloga também foge a regra do tratamento da memória, pois constrói diariamente novas percepções sobre as evoluções de vida, tanto do casal como dos demais pacientes. Arbex utiliza da fala de Tânia para documentar a cerimônia de casamento dos antigos pacientes e também, da atitude solidária que praticaram quando a profissional teve o carro roubado. Segundo Tânia, os sobreviventes do Colônia rejeitados por importunar a sociedade a ajudaram com um valor que Adelino possuía na poupança, alegando que ela não podia parar com o acompanhamento psicológico dado ao casal.

Mas, fora das paredes do Hospital Colônia, muitos também sofreram com a falta de informações de seus familiares, seja as mães que internaram os filhos ou os filhos que foram retirados das mães que eram pacientes da instituição. Débora Aparecida Soares e João Bosco Siqueira, dois filhos do holocausto brasileiro, duas crianças impedidas de ficarem ao lado da mãe biológica. Ambas as fontes são abordadas no livro-reportagem com fotografias, documentos e entrevistas completas que revelam a trajetória até o reencontro, ou quase reencontro com a mãe. Débora Soares, filha da paciente Sueli Aparecida Rezende, foi retirada da mãe pela funcionária Jurema Pires Soares, como mencionado rapidamente no início do capítulo da análise. Arbex cria aspectos específicos para trabalhar as memórias de Débora e João Bosco, pois refaz todas as dificuldades que passaram durante a infância, devido a falta de respostas e o desconhecimento do destino das mães. Débora não pôde conhecer Sueli, pois a paciente faleceu meses antes, mas mesmo assim seu relato é utilizado como testemunhal por retratar a procura pela real identidade e pelas lembranças que possuía do Hospital Colônia. Sendo a mãe adotiva uma funcionária, Débora brincava pelos corredores e conversava com os pacientes da instituição, até mesmo esteve perto da mãe biológica, mas não sabia o que o passado lhe reservava e a partir dessa coincidência relatada à Arbex, que a história de Sueli Aparecida Rezende é contada. Assim como já mencionado na análise, Sueli é classificada no estudo como fonte testemunhal, tendo a narrativa feita por terceiros. Novamente nota-se a presença de outras vozes para elevar a voz de um paciente do Colônia. Sendo o principal intuito da jornalista em retratar as vidas perdidas e os que sobreviveram a tragédia, mesmo com a utilização de outras fontes testemunhais, tanto primárias como secundárias, a autora busca remeter ao principal escopo e motivo da obra.

Diferente de Débora, a história de João Bosco é retratada com um final feliz devido ao reencontro com a mãe biológica, Geralda Siqueira Santiago. Outra característica notada em ambas as narrativas é a diferenciação na estrutura do capítulo em que as histórias estão inseridas. Enquanto a fala de Débora introduz o capítulo intitulado “A filha da menina de Oliveira”, que ao decorrer aborda a história de Sueli e a trajetória da paciente relatada também por profissionais do hospital e demais pessoas que conviveram com a mulher, Arbex reserva todo o nono capítulo para a história de João Bosco, fazendo uma retrospectiva desde os tempos de orfanato e as dificuldades encontradas na vida, até reencontrar a mãe. No último caso, tanto o filho como a mãe são entrevistados para reconstituir as histórias, tendo grande participação e voz narrativa.

A década de 1970 e os anos seguintes, registraram algumas denúncias pelos meios

jornalísticos. Registra-se aqui o nome de Hiram Firmino, Luiz Alfredo, Helvécio Ratton e Armando Mends, todos classificados na análise do presente estudo como fontes testemunhais secundárias, tendo em vista a importância do olhar desses profissionais para complementar a narrativa de Arbex. Além das fotografias já citadas, que compõem grande parte do acervo das fontes documentais e foram impressas no livro *Colônia*, o jornalista Hiram Firmino “é o autor da série de reportagens ‘Os porões da loucura’, publicado em 1979 no jornal *Estado de Minas*, onde trabalhou por mais de vinte anos”, registra Arbex (2013, p. 219). Ainda sobre as revelações da imprensa Arbex registra o esquecimento do hospital pelos meios de comunicação da época, que permaneceram dezoito anos sem conseguirem “transportar os muros do Colônia” (ARBEX, 2013, p. 219), visto também, pelo período que passavam da ditadura militar. Sobre Hiram, a autora relata a trajetória, dificuldades e meios encontrados pelo jornalista para conseguir efetuar a pauta desejada. No trecho, identifica-se as consequências que a visita causaria, pois “não sabia, mas ele nunca mais seria o mesmo”, escreve Arbex (2013, p. 221). Como uma fonte testemunhal secundária, o tratamento dado às memórias de Hiram reflete no contexto do relato escrito por Arbex, em que nota-se o sentimento demonstrado pelo jornalista, pois “também se comoveu com o fato de os considerados doentes terem sido presos sem terem cometido crime algum” (ARBEX, 2013, p. 223). Em um trecho da reportagem inserido na obra, Hiram escreve que “[...] a maioria insiste em ter esperança de ser tratada como ser humano” (ARBEX, 2013, p. 223), o que é refletido na obra de Daniela Arbex, a partir do momento que resolve dar voz aos que foram esquecidos por décadas e recuperar ao menos uma parte da humanidade que lhes foi retirada.

Outro importante nome, desta vez do cinema, foi Helvécio Ratton, ao registrar o cotidiano impactante das milhares de pessoas que estavam internadas. Com equipamentos emprestados e um roteiro improvisado devido ao medo que fosse proibido de entrar na instituição, Ratton permaneceu durante oito dias junto com os pacientes e traz na memória o dia que uma dessas pessoas o segurou pelo braço e disse: “sei o que vocês estão fazendo. Tirando foto de todo mundo. Assim, quando a gente morrer, as pessoas vão saber que estivemos aqui” (ARBEX, 2013, p. 227). O cineasta deu vida a um documentário que tinha como principais personagens pessoas da sociedade mineira que estavam fadadas a morte. “*Em nome da razão*” fora filmado em 1979, e no dia da estreia teve como público o psiquiatra italiano Franco Basaglia e Hiram Firmino. Ao relatar a história contada por Helvécio, é possível notar o tratamento dado às memórias do cinegrafista, que permaneceu por uma semana dentro dos muros que escondiam a escória social. “E apesar da passagem

de três décadas, o cheiro do Colônia ainda continua impregnado em sua memória”, narra Arbex (2013, p. 229). Apesar das imagens reveladoras nada marcará mais a vida desses profissionais do que a visão do horror que vivenciaram, o que demonstra a coragem dos jornalistas, fotógrafos e cinegrafistas em ter o ímpeto de entender e denunciar o que as autoridades tentavam esconder.

A narrativa dos registros feitos pela imprensa encaixa-se na obra nos últimos capítulos, com isso nota-se a organização da história feita por Arbex. Inicialmente apresentando os funcionários, médicos, antigos pacientes, uma breve história do hospital e dados documentais, que se ramifica em histórias mais externas e juntas reconstituem as memórias traumáticas causadas pelo Centro Hospitalar Psiquiátrico de Barbacena.

Percebe-se no decorrer da leitura que a autora Daniela Arbex se utiliza de recursos de algumas palavras que remetem ao próprio tratamento que é dado as memórias das fontes que foram acionadas, o que facilitou e tornou a análise mais objetiva. Trazer esses elementos resulta em uma maior credibilidade passada ao leitor, uma vez que atesta a veracidade dos fatos a partir da lembrança de uma pessoa que realmente esteve presente no acontecimento, demonstrado nas palavras, sentimentos e relatos minuciosos do dia a dia e das atividades ocorridas dentro da instituição de saúde. O fator tempo é um ponto que delimita todas as escolhas para a escrita da obra, visto no acionamento de fontes, documentos e encaixes realizados na narrativa. Dessa forma, além de uma estrutura leve, manter as memórias das vítimas presentes em praticamente toda a obra é uma iniciativa impactante por parte da autora, pois assim, ela sempre relembra ao leitor uma história da saúde brasileira que não deve ser esquecida.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao iniciar um estudo sobre algo inimaginável perante meus conceitos, refletido no tratamento psiquiátrico dado as pessoas, me coloco em uma reflexão primária como leitora, qual foram as minhas percepções no primeiro contato que tive com *Holocausto Brasileiro*? Demasiadamente impactada e indignada, um misto de perplexidade e dúvida. Existem provas por meio dos documentos, fotografias e com uma busca externa, temos os documentários. Um genocídio de 60 mil pessoas no maior hospício do Brasil, é o que Daniela Arbex descreve na capa do livro-reportagem *Holocausto Brasileiro*. Sem receios a autora revela ao leitor desde o início tudo o que está por vir no decorrer da leitura. Ter conhecimento do que a discriminação com as minorias fora capaz de praticar no século passado, nos causa a indignação e a reflexão sobre o que podemos estar vivendo hoje, sem nos darmos conta.

Holocausto Brasileiro traz a história de pessoas que foram internadas como loucos por perturbarem a sociedade e os cargos de poder, ou simplesmente, por serem diferentes dos demais. Das internações aceitas pelo Centro Hospitalar Psiquiátrico de Barbacena, em Barbacena-MG, quase 70% dos pacientes eram normais. Nos documentos que Arbex traz ou mostra durante a obra os diagnósticos variam entre pessoas tristes, tímidas, acusadas de molecagem, de colocar veneno em uma bebida e os motivos mais diversos que podemos imaginar. Frio, fome, eletrochoques, medicações exageradas, as mortes não tinham sintomas de doenças, aconteciam pela imprudência humana dentro dos muros do Colônia, como o hospital também era chamado. O tamanho da atrocidade era imaginado por poucos, alguns desistiam, outros ajudavam os pacientes nas escuras, mas temendo a retaliação da direção hospitalar. Muitos queriam denunciar, poucos tiveram coragem. *Holocausto Brasileiro* revela o que de pior o ser humano é capaz de fazer para sobreviver, relatos de pacientes que comiam pombas devido a fome ou que tomavam água do esgoto para saciarem a sede, algumas grávidas até passavam fezes na barriga para que os funcionários não se aproximassem e perturbassem a vida de um filho do Colônia. Sem registros de nascimento, sem registros de entrada no hospital e sem registros de saída, com vida. As pessoas eram deixadas para morrer, pois poucos de fato recebiam um tratamento e eram liberados. O único registro de saída de corpos do Hospital Colônia é pela venda dos cadáveres e peças anatômicas para as faculdades de medicina no Brasil, que somaram uma farta renda com a venda de mais de 1.853 corpos, dinheiro que não teve retorno ao hospital.

Além do acervo documental, outra prova muito importante e que desde o início fora o objetivo da autora é o relato dos sobreviventes. Por meio das entrevistas, Daniela Arbex deu voz pela primeira vez a todos aqueles que viveram anos de horror e isolamento do meio social. O estudo das fontes exercido neste trabalho revela a importância para a composição de uma obra, visto também, pela distância temporal do fato e da narrativa. Ao propor a análise das fontes e do tratamento das memórias realizada pela jornalista, vemos a fundo a estruturação atribuída para o livro-reportagem que necessitou de diversos testemunhos e aporte documental. O ímpeto da jornalista em trazer novamente as reflexões sobre o maior genocídio praticado no Brasil pela voz daqueles que sobreviveram e sentiram na pele os anos de injusta internação, cria lacunas para pensar sobre a utilização das fontes testemunhais para a composição de uma obra tão humanizada, como de fato é *Holocausto Brasileiro*.

Com a metodologia apresentada no decorrer deste trabalho, sabe-se que as fontes são necessárias para toda e qualquer matéria jornalística e contribuir para a reflexão sobre as memórias das fontes testemunhais e como isso de fato reflete ao leitor, traz à tona a humanização de obras como o livro-reportagem utilizado neste *corpus*. O fazer jornalístico vai além do *hard news* e das matérias factuais, por isso a importância do estudo da categoria de livros-reportagem se faz necessária para a compreensão das ramificações existentes no jornalismo. Ao pensar no modo que se utiliza as informações obtidas por meio de entrevistas, vê-se a entrega das fontes para com o jornalista e como isso influencia na narrativa final, praticada pelo autor. Humanizar a obra que aborda uma tragédia que atingiu milhares de brasileiros, é uma forma de eternizar um passado obscuro e trazer a veracidade dos fatos por meio dos relatos daqueles que vivenciaram os eventos.

Ao analisar *Holocausto Brasileiro* é possível refletir sobre o modo de trabalho de Daniela Arbex, mas também trazer essas percepções para o crescimento pessoal próprio como futura jornalista. A confiança compartilhada com a autora é refletida nos detalhes abordados na narrativa, pois demonstra a entrega da fonte para aquele que ouve e descreve o relato. Assim, a humanização encontra-se nos pequenos entraves do livro-reportagem, visto nos aportes linguísticos referentes ao tratamento da memória, que em muitos momentos é identificado como uma regressão a história e a violência sofrida pelos pacientes. O estudo do livro-reportagem vai além da compactação de uma notícia, visto na diversidade de temas que podem abordar e os diversos caminhos que um fato pode desdobrar-se.

Dessa maneira, o estudo aplica o método da análise de conteúdo, em que denomina *a priori* as fontes testemunhais, documentais, oficiais, independentes e sem classificação para a verificação das fontes contidas na obra. Em seguida, é realizada a classificação e efetuada, primeiramente, uma análise quantitativa, para que com base nos dados desta, possa ser realizado a análise qualitativa. É importante lembrar que o problema de pesquisa indaga sobre a realização da construção do livro-reportagem sobre os acontecimentos passados, ao considerar um intervalo temporal entre os fatos e o relato da jornalista, por isso, por meio dos resultados tem-se as fontes testemunhais como a construção central e o intervalo sendo suprimido por meio das memórias. Ao complementar o problema com a forma em que é tratada as fontes, visto também pela análise da memória das fontes testemunhais e a valorização de tais relatos para a construção da história, frisa-se os exemplos já explanados ao decorrer do capítulo seis. A autora demonstra cuidado com esse aspecto, pois relata diretamente sobre as memórias das fontes acionadas, tendo o aporte bibliográfico das fontes documentais como comprovação do que é narrado.

O estudo suprime os objetivos elencados no início do trabalho, pois no primeiro tópico, que aborda sobre a análise da inserção das fontes, vê-se que isso está presente ao longo de toda a análise, sendo um ponto primordial para o encaminhamento do restante do que é proposto. Assim, o segundo item elenca a compreensão dos diferentes tratamentos dados à memória das fontes, mostrado nas análises descritas, uma vez que, o tratamento é diferente para as fontes oficiais e independentes e, claro, com uma abordagem específica para as fontes documentais. As fontes oficiais e independentes demonstram ter menos voz na narrativa, pois são abordadas de uma forma política e institucional sobre a ação, não sendo esse o foco proposto pela autora. As fontes documentais fazem parte da memória de terceiros, pois são trazidas na obra devido a lembrança de outras pessoas, além de possuírem um importante papel para a reconstituição dos fatos ao considerar o intervalo temporal, também abordado no segundo objetivo. O foco principal do tratamento das memórias é realizado com as fontes testemunhais, fio-condutor de toda a narrativa e que dão andamento a história por meio das memórias relatadas a Arbex. Assim, ao finalizar as compreensões obtidas acerca da análise efetuada, o estudo parte para o terceiro objetivo, pois contribui para a reflexão sobre a memória das fontes na composição da narrativa do livro-reportagem, em que é visto a importância do acionamento destas para a narrativa.

Outro ponto significativo é a valorização da categoria de fontes testemunhais e documentais na obra, sendo respectivamente 45% e 29,41%, sendo estas, classificações que se tornam complementares. Ambas contribuem para a humanização do livro-reportagem,

pois abordam ao mesmo tempo a memória e reconstituição dos fatos, em que as fontes testemunhais são a base da recordação e as fontes documentais um artifício utilizado por Arbex para a comprovação do que é narrado. Tendo o intervalo temporal como um diferencial, as fontes documentais são um elemento válido para apoiar as memórias das fontes testemunhais e aproximar ao leitor, sobre o contexto vivido no hospital.

Observar a distância temporal de mais de 50 anos de atuação do hospital Colônia em Barbacena-MG e a prevalência de fontes testemunhais e documentais, transformam o livro-reportagem *Holocausto Brasileiro* em um importante documento para a história da psiquiatria brasileira, relatada pelas vítimas. A inserção predominante das fontes testemunhais foram o principal aporte para o estudo das memórias, visto como um dos objetivos descritos no início deste estudo. Por meio do relato das fontes testemunhais o trabalho pode verificar o propósito da obra de Daniela Arbex, com o que realmente é descrito na narrativa. O cuidado estabelecido com as memórias, assim como a descrição do que foi vivido e o que isso causou aos ex-internos do Hospital Colônia, é verificado em diversos testemunhos narrados por Arbex. Tendo a distância temporal como um empecilho para a busca de informações, fontes e documentos, o *Holocausto Brasileiro* é uma prova de apuração jornalística que atende as demandas da área, de uma forma literária, diferente do comum, porém com a defesa da veracidade dos fatos narrados, que é iminente para esta profissão da comunicação.

Com isso, é possível inferir que devido a memória traumática carregada principalmente pelos pacientes e funcionários, apesar da distância temporal todo o cotidiano, atividades e violências sofridas continuam marcadas nas memórias e narradas por Arbex ao ouvir os relatos. Com a prevalência das fontes testemunhais a obra torna-se humanizada e aproxima-se do leitor, sensibilizando-o com a pauta e sendo possível criar reflexões acerca do atual sistema, crítica registrada nos últimos capítulos do livro-reportagem. Esclarecer o uso das fontes em um livro-reportagem demonstra na pesquisa a importância das entrevistas e da observação e escuta que é necessária para a prática, pois a composição de uma pauta requer um olhar além do que é comumente entregue, é preciso verificar informações nas entrelinhas para que a partir dos diferentes relatos, a história seja reconquistada e demonstrada ao leitor. O fazer jornalístico é mais do que ouvir e escrever, é preciso refletir, buscar o que não é dito, desestabilizar o sistema, e principalmente desenvolver o senso crítico da sociedade, para que assim, por meio do jornalismo possamos evoluir cada vez mais como seres humanos e não esquecermos dos erros já cometidos no passado.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, Márcia F. Fontes jornalísticas: o lugar de fala do cidadão. In: **Trabalho apresentado no Núcleo de Pesquisa em Jornalismo, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação**. Salvador/BA, 2012.
- AMARAL, Márcia F. **Fontes testemunhais, autorizadas e experts na construção jornalística das catástrofes**. Líbero (FACASPER), v. 1, p. 16-26, 2015.
- AMARAL, Márcia F.; OLIVEIRA, Juliana. M. **O papel das vítimas nas narrativas jornalísticas sobre o desastre em Mariana**. LUMINA (JUIZ DE FORA), v. 12, p. 19-39, 2018.
- ARBEX, Daniela. **Holocausto brasileiro**. 1. ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2019.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 1977.
- BARRETOS, Dayane C. **Experimentar encontros e compartilhar sentidos: a escrita de si e do outro nas narrativas de jornalistas brasileiras**. 2017. 175 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal de Ouro Preto, Minas Gerais, 2017.
- BULHÕES, Marcelo M. **Jornalismo e literatura em convergência**. São Paulo: Editora Ática, 2007.
- CARVALHO, Rafiza L. V. R. **Harold Lasswell e o Campo da Comunicação**. 2012. 244 f. Tese (Doutorado em Comunicação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2012.
- ERBOLATO, Mario L. **Técnicas de codificação em jornalismo**. São Paulo: Editora Ática, 1991.
- FERREIRA JÚNIOR, Carlos A. R. **Literatura e jornalismo, práticas políticas: discursos e contradiscursos, o Novo Jornalismo, o romance-reportagem e os livros-reportagem**. São Paulo: Edusp, 2003.
- GAGNEBIN, Jeanne M. **Lembrar escrever esquecer**. 34. ed. São Paulo: 2006.
- HERSCOVITZ, H. G. Análise de conteúdo em jornalismo. In: LAGO, C.; BENETTI, M. **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 123-142.
- INTRÍNSECA, Editora, **Holocausto Brasileiro, de Daniela Arbex**. Youtube. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Y5K3mDkf6Ak>>. Acesso em: 25 de mai. 2020. 0.03.09.
- KOTSCHO, Ricardo. **A prática da reportagem**. São Paulo: Editora Ática, 2007.
- LIMA, Edvaldo P. **Jornalismo e literatura: aproximações, recuos e fusões**. Anuário Unesco/Metodista de Comunicação Regional, Ano 13 n.13, p. 145-159, jan/dez, 2009.
- _____. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. 4. ed. São Paulo: Manole, 2009.
- LOPES, Luciano M. N. **O rompimento da barragem de Mariana e seus impactos socioambientais**. Sinapse Múltipla, 5 (1), jun 1-14, 2016. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/sinapsemultipla/article/view/11377>>. Acesso em: 10 nov. 2019.

- MACIEL, Alexandre Z. **Narradores do contemporâneo: Jornalistas escritores e o livro-reportagem no Brasil**. 2018. 310 f. Tese (Doutorado em Comunicação) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2018.
- MEDINA, Cremilda. **A arte de tercer o presente: narrativa e cotidiano**. São Paulo: Summus, 2003.
- MELO, Amanda T. **“O resgate da história para construir memória”**: diálogos entre ética e exotopia em Holocausto Brasileiro. SBPJor. São Paulo, 2018. Disponível em: <<http://sbpjour.org.br/congresso/index.php/sbpjour/sbpjour2018/paper/viewFile/1288/741>>. Acesso em: 23 out. 2019.
- MINAYO, Maria C. S. (org). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- MOZZATO, Anelise R.; GRZYBOVSK, Denise. **Análise de Conteúdo como Técnica de Análise de Dados Qualitativos no Campo da Administração: Potencial e Desafios**. RAC, Curitiba, v. 15, n. 4, pp. 731-747, Jul./Ago. 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rac/v15n4/a10v15n4>>. Acesso em: 8 nov. 2019.
- LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.
- OLIVEIRA, Juliana. M.; AMARAL, Márcia. F. **Os testemunhos na cobertura jornalística do caso Kiss: transbordamento emocional e provas de verdade**. Estudos de Jornalismo e Mídia, v. 13, p. 77-88, 2016.
- PALACIOS, M. **Convergence and memory: journalism, context and history**. MATRIZES, v. 4, n. 1, p. 37-50, 15 dez. 2011.
- PEREIRA JUNIOR, Luiz C. **A apuração da notícia: métodos de investigação na imprensa**. 3. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2010.
- PERES, Ana. C. Narrar o outro: notas sobre a centralidade do testemunho para as narrativas jornalísticas. **Galaxia** (São Paulo, On-line), n. 31, p. 92-104, abr. 2016. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/1982-25542016120913>>. Acesso em 23 out. 2019.
- PINTO, Manuel. **Fontes jornalísticas: contributos para o mapeamento do campo**. 2000.
- PORTO, Marcelo F. S. **A tragédia da mineração e do desenvolvimento no Brasil: desafios para a saúde coletiva**. Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, fev, 2016. Disponível em: <https://www.scielosp.org/scielo.php?pid=S0102-311X2016000200302&script=sci_arttext&tlng=pt>. Acesso em: 10 nov. 2019.
- ROCHA, P.; XAVIER, C. O livro-reportagem e suas especificidades no campo jornalístico. **RuMoRes**, v. 7, n. 14, p. 138-157, 27 dez. 2013. Disponível em: <<http://www.periodicos.usp.br/Rumores/article/view/69434/72014>>. Acesso em: 10 out. 2019.
- SANTOS, Rogério. **A negociação entre fontes de informação e jornalistas em estudos de casos**. 2002.
- SCHMITZ, Aldo A. **Fontes de notícias: ações e estratégias das fontes no jornalismo**. Florianópolis: Combook, 2011.
- SILVA, Gislene; MAIA, Flávia D. **Análise de cobertura jornalística: um protocolo metodológico**.

RuMoRes, v. 5, n. 10, p. 18-36, 2011. Disponível em:
<<http://www.periodicos.usp.br/Rumores/article/view/51250/55320>>. Acesso em: 9 nov. 2019.

SUPERINTERESSANTE, **Super Entrevista: Daniela Arbex**. Youtube. Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=MLiKQjXbd0k>>. Acesso em: 03 de jun. 2020. 0.05.39.

UNIVESP, **Livros 63: Holocausto Brasileiro - Daniela Arbex**. Youtube. Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=FHUTKRpU0bg>>. Acesso em: 03 de jun. 2020. 0.16.01.

VON SIMSON, Olga R. M.; FARIA FILHO, Luciano. M. (Org). **Arquivos Fontes e Novas Tecnologias: questões para a história da educação**. Campinas - SP: Autores Associados. 2000.